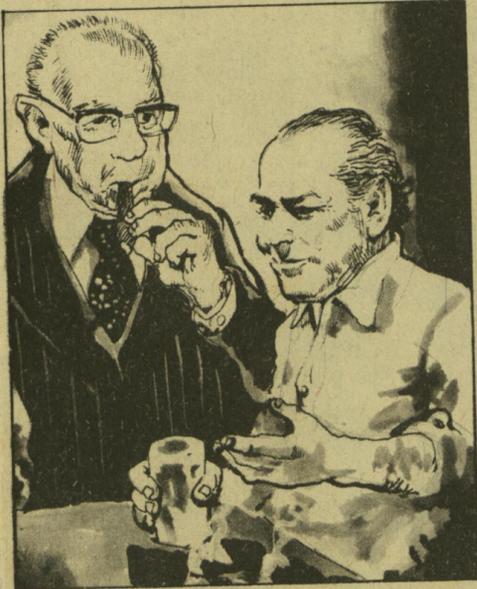


Acordo secreto do PDS e Brizola contra a oposição



50 mil na rua para o 5 ganhar!

Comício-monstro em Pernambuco sela unidade do PMDB e aponta para a vitória. Pág. 4



Revelada reunião clandestina no Rio de Janeiro, do ministro da Casa Civil do governo, Leitão de Abreu, com Leonel Brizola e o candidato do PDS, Moreira Franco. O ex-governador

gaúcho colocou o seu passado democrático a serviço dos generais para sabotar a oposição e tentar impedir a vitória do PMDB. Veja toda a trama na página 8.

Plano para assassinar os candidatos do PMDB

Na quinta-feira à tarde, quando fechávamos esta edição, o candidato do PMDB ao governo de Goiás sofreu pela segunda vez em 8 dias uma tentativa de assassinato. Iris Resende estava num comício na cidade de Sta. Tereza, quando Genésio Ferreira dos Reis, candidato do PDS a vereador, tentou

matá-lo a tiros. Se não fosse a interferência de populares, que desarmaram o pistoleiro, Iris estaria morto.

O criminoso foi levado pelo povo à delegacia de Sta. Tereza mas o delegado simplesmente recusou a efetuar a prisão. Levaram-no então à cidade vizinha

de Porungatu, onde o delegado efetuou a prisão. Gilberto Mestrinho, candidato da oposição ao governo do Amazonas, foi alvo de uma tentativa semelhante esta semana. E também Marcos Freire, de Pernambuco. A fúria assassina dos terroristas do governo está na página 8

EDITORIAL

A batalha da cédula

A mensagem oposicionista firme é a que vai vingar entre os eleitores. Mas a campanha não se limita à agitação de idéias e à mobilização de massas. Esta luta tem que ser materializada num instrumento concreto que é a cédula eleitoral, com o nome ou número dos candidatos, para ser depositada na urna em 15 de novembro.

Para votar, cada cidadão tem que levar para a cabine eleitoral uma chapa completa com todos os candidatos de sua preferência. A grande maioria está descontente com o governo e quer votar para mudar. Mas muita gente ainda tem dificuldade para escolher os candidatos certos. E mesmo quem já escolheu tem receio de errar na hora da votação. A legislação eleitoral e a cédula imposta pelo governo criaram uma complicação tão grande que no dia da votação cada eleitor vai ter que levar para a cabine um modelo de cédula para copiar a lista completa dos candidatos.

Faltam nos de três semanas para que cada um defina os nomes que merecerão o seu voto. Daqui até o dia 15 de novembro vai ser uma disputa acirrada para conquistar o voto dos indecisos e para confirmar o voto dos que já se comprometeram anteriormente. E o principal instrumento para amarrar o voto vai ser o modelo de cédula com o nome ou o número dos candidatos. Nestes poucos dias vai se travar uma verdadeira batalha das cédulas.

Todas as forças democráticas têm que se alertar para este problema prático, que pode em última instância decidir a vitória. Os candidatos populares principalmente, porque têm menos dinheiro e têm dificuldade para enfrentar a concorrência milionária da propaganda com sofisticados recursos publicitários para manter seus nomes em evidência. Eles terão que

concentrar seus esforços na distribuição destes modelos de cédulas — e para isto é um grande trunfo, que são os inúmeros voluntários, homens e mulheres do povo, que não medem esforços para derrotar o governo, dar a vitória às forças democráticas e em particular para eleger seus representantes populares.

Nas caminhadas, nos bairros, nas visitas aos bairros e fábricas, mas também no boteco da esquina, no ônibus, no trabalho, em todo lugar e a toda hora, cada oposicionista consciente tem que discutir com outras pessoas e deixar na mão de cada um o modelo para votar. E em geral é preciso deixar 4, 5 ou mais, para que os novos eleitores continuem esta corrente de conquista do voto com seus colegas, amigos e parentes.

Os candidatos têm agora de consolidar o trabalho que fizeram nestes meses de campanha. Eles e os ativistas que os apoiam precisam voltar a todos os locais onde fizeram propaganda, levar a cédula com a sua chapa completa. E preparar desde já, com o máximo cuidado, uma multidão de colaboradores para uma distribuição maciça de cédulas no dia 15 de novembro. A boca de urna pode decidir o resultado em muitos lugares. Em cada seção eleitoral é indispensável ter gente que oriente o eleitor: vote na oposição, vote no PMDB, vote nos candidatos indicados neste modelo de cédula. Uma enorme quantidade de eleitores vai definir o seu voto na última hora e vai precisar desta orientação para copiar de cédula oficial a lista dos candidatos.

Em vários Estados já estão sendo distribuídos modelos de cédula, com instruções curtas e objetivas no verso, explicando como votar e como proceder para não anular o voto. É um exemplo a ser seguido.

Metalúrgicos de S. Paulo na fase decisiva da sua luta salarial

Patrões nada concedem. Assembléia decide os rumos da campanha. Pág. 5

Pelego baiano treme de medo da oposição metalúrgica

Chapa 2 com força para renovar o Sindicato da categoria. Pág. 5



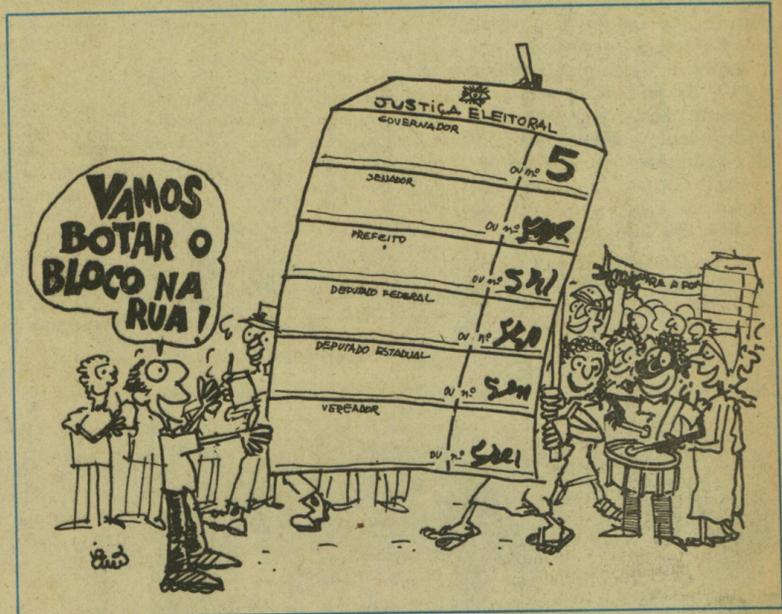
Presentes Paulinho da Viola, Fafá, Amelinha, Zé Ramalho, Cauby, Jessé, ...

Show dá força à oposição

Artistas cantam de graça para o PMDB dia 20 em S. Paulo. Pág. 7

Generais poloneses usam mão de ferro para sufocar greves

Operários voltam às ruas e agrava-se a crise no país. Pág. 8



Ele mudou a cara das nossas capas de disco

Em dez anos de trabalho, Elifas Andreato fez uma revolução nas capas de disco do Brasil. Entrevista na página 7



Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

Lei militar nas fábricas contra greves na Polônia

As greves operárias da semana passada na Polônia foram reprimidas com a selvagem habitual nas ditaduras militares: militarização das indústrias, pena de morte para os grevistas, pancadaria nas ruas. Quarta-feira, os operários dos estaleiros Lénin, em Gdansk, voltavam ao trabalho. Mas prometem voltar à carga, na greve geral marcada para novembro...



Dos patrões dos estaleiros Lénin, os operários reagiram com pedras à polícia.

As greves surgiram, com alguns dias de atraso, para protestar contra a lei que proíbe formalmente a existência do sindicato "Solidariedade". E a proibição, por sua vez, foi consequência das manifestações de agosto e setembro, em que seis pessoas morreram e mais de 4 mil foram presas na maioria das províncias polonesas. Assim, quase um ano depois do golpe militar de 13 de dezembro, o general Jaruzelski e seu governo parecem irremediavelmente envolvidos na clássica rotina das tiranias.

A proibição do "Solidariedade", dia 8, foi decidida pelo Parlamento polonês, o Sejm, sob a vigilância de tanques de guerra. Não é de admirar, assim, que apenas dez deputados tenham votado contra a medida. Nem pode ser invocado como justificativa o fato, do movimento de Lech Walesa ser controlado por forças reacionárias polonesas e pelo governo dos Estados Unidos. A verdade é que a maioria dos trabalhadores poloneses, que viu no novo sindicato um escudo para seu descontentamento contra o socialismo falso, continua disposta a resistir à Gestapo de Jaruzelski.

A FORÇA DAS FÁBRICAS

Também é significativo o caráter marcadamente operário da resistência ao regime militar polonês. As greves da semana passada tiveram seu centro nos mundialmente

famosos estaleiros Lénin, que concentram mais de cem mil metalúrgicos. Quando a polícia atacou, os operários, dos portões dos estaleiros, responderam com pedras. Na quarta-feira, outros choques ocorreram também entre os operários da siderúrgica de Nova Huta e as forças da repressão. A classe operária confirma ser a única força capaz de enfrentar — e, mais dia, menos dia, de vencer — a ditadura Jaruzelski.

OS PECADOS DA IGREJA

A tragédia dos operários poloneses é que toda esta agitação imensa, que já se prolonga há mais de dois anos e continuou mesmo depois do golpe, carece de uma orientação coerente. Dentro do "Solidariedade", junto com a justa revolta de milhões de trabalhado-

res, sentiu-se desde o início influências estranhas, nocivas à classe operária, reacionárias mesmo.

A Igreja altamente conservadora da Polônia tem grossa parcela de culpa neste quadro. No passado, quando as greves pareciam a pique de derrubar o poder, ela deu as mãos aos EUA para pregar um retorno ao capitalismo sem máscara na Polônia. Agora, sob a ditadura, a Igreja trata de contemporizar com o regime militar, evitando tudo que possa significar enfrentamento com Jaruzelski — mesmo que seja uma simples viagem do arcebispo Josef Glomp por motivo da canonização de um padre polonês.

Resta saber, apenas, até quando a poderosa e heroica classe operária polonesa suportará esta trava no seu movimento.

Suazo assume o poder em uma Bolívia falida

"Paredón, Paredón" gritava uma impressionante multidão do lado de fora do Congresso, em La Paz, quando apareceu os chefes militares para passar o poder a Siles Suazo, o novo presidente eleito. A posse de Suazo foi no dia 10 e os militares deixam o poder com a Bolívia em ebulição e sua economia falida. Muitos militares já começam a fugir do país com medo da ira popular.



Suazo (à esquerda) assume o poder e tenta tranquilizar os militares.

O novo presidente assume o governo de um país com a economia quebrada: fábricas fechadas, bancos sem dinheiro e minas de estanho — principal produto de exportação — funcionamento em condições precaríssimas. A situação está tão catastrófica que houve momentos em que o governo nem sequer tinha recursos para imprimir novas cédulas de dinheiro. A inflação corroeu de tal forma o poder de compra que é comum ver nas ruas pessoas carregando pilhas de dinheiro. E no meio de tudo isto, quase metade da população está desempregada ou subempregada.

Nos últimos anos, a economia boliviana só sobreviveu às custas de empréstimos. E a dívida externa já chega a quase 4 bilhões de dólares, sem que o país tenha condições de pagar. O tráfico de cocaína por si só é responsável pelo movimento de cerca de 2 bilhões de dólares anuais, mais do que o dobro do arrecadado pelo total das exportações bolivianas.

Assim, os militares reacionários literalmente entregaram a batata quente nas mãos do novo governo civil, enquanto fugiam do país com suas fortunas ilícitas. Siles Suazo, o novo presidente, apesar de decretar "guerra total" à corrupção, à especulação e em especial ao tráfico de cocaína, afirmou no seu discurso de posse que caberá às próprias forças armadas a investigação destas irregularidades.

Ainda não está claro qual vai ser a solução do novo governo para a crise. Suazo incluiu no seu gabinete dois elementos do parti-

do comunista pró-soviético, nos ministérios das Minas e do Trabalho. Mas ao invés de uma opção radical, a concessão destas pastas estratégicas representa na verdade uma linha governamental mais moderada. O PCB tem posições mais à direita do que o outro grande componente da coalisão governamental — o Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR).

Por tudo isto a crise da Bolívia ainda não tem saída à vista. E o governo Suazo certamente vai enfrentar ainda maior turbulência pela frente.

Corrupção e banditismo no escândalo Ambrosiano

O caso da falência do Banco Ambrosiano, na Itália, mais parece um filme de aventura e espionagem. Já ocorreram mais de oito mortes violentas, entre suicídios e assassinatos; 1,2 bilhões de dólares simplesmente sumiram sem deixar vestígios. Descobriu-se um complô para abalar o governo italiano. Enormes somas de dinheiro foram enviadas para grupos militares e paramilitares da extrema-direita na América Latina. E para concluir, é um escândalo que envolve a Máfia e o Vaticano.

O Banco Ambrosiano era o maior grupo financeiro privado da Itália, com operações em mais de 15 países. Depois de comprar a maioria de suas ações, Roberto Calvi tornou-se presidente do banco e o transformou numa das maiores potências econômicas e políticas do país. Com o auxílio da Máfia, criou uma rede de empresas e sociedades fictícias que lhe permitiram operações financeiras ilícitas em todo o mundo.

Ligado ao banqueiro siciliano Michele Sindona, mafioso preso nos Estados Unidos por falência fraudulenta, Calvi foi acusado de reciclar no Ambrosiano dinheiro proveniente do tráfico de drogas. A proteção política de seus negócios estava nas mãos de Licio Gelli, chefe da Loja Maçônica P-2, atualmente preso na Suíça. A garantia para várias de suas manobras internacionais vinha do Instituto para Obras Religiosas (IOR), o Banco do Vaticano, com cartas de confiança assinadas pessoalmente pelo seu presidente, o cardeal norte-americano Paul Marcinkus.

ATOLADO ATÉ O PESÇOÇO

O envolvimento do Banco do Vaticano não foi só de cobertura.



Marcinkus não põe o pé fora do Vaticano...

O IOR é um dos maiores acionistas do Ambrosiano, controlando até 10% de suas ações. Nos últimos tempos o Banco sobrevivia graças ao apoio do Vaticano, que servia de avalista para as aventuras de Calvi. A operação ruuiu como um castelo de cartas quando os credores, cada vez mais ansiosos, abriram uma investigação geral sobre o Banco. Tentativas anteriores de esclarecer as ligações entre Calvi e Sindona provocaram vários assassinatos entre os quais o do advogado George Ambrosorio, morto em 1979 após denunciar um suborno de 5,6 bilhões de dólares pagos por Sindona ao Bispo Marcinkus. A última investigação não só

condenou Calvi por fraude financeira como concluiu por decretar a falência do seu Banco, um dos mais tradicionais e mais seguros da Itália.

O colapso do Banco Ambrosiano desencadeou uma série de suicídios e conflitos políticos. Primeiro foi a secretária de Calvi, Graziela Corrocher, que se jogou do alto do edifício no centro de Milão. Na semana passada o vice-diretor do Banco seguiu o mesmo caminho, se atirando da janela de seu escritório. E o próprio Calvi foi encontrado enforcado embaixo de uma ponte em Londres, em julho. Não se sabe ao certo se foi suicídio ou assassinato.

Enquanto isso o governo italiano e os credores do Banco abrem baterias contra o Vaticano e o IOR. Exigem que eles honrem sua palavra e cubram uma parte do rombo ambrosiano. O Vaticano se recusa, afirmando que é um Estado independente e não tem que respeitar as leis italianas.

O BISPO GANGSTER

O Bispo Marcinkus desde julho não põe o pé fora do Vaticano, com medo de ser preso pelas autoridades de Roma. E o mundo financeiro entra em polvorosa achando que o IOR abre assim um perigoso precedente, que pode levar todo o sistema financeiro a um colapso. Para os trabalhadores, toda essa sujeira, todo esse escândalo, lembra o desespero que tomou conta dos grandes capitalistas na crise de 1930, com uma epidemia de suicídios e colapsos. É um sinal de que já começam a aparecer os mesmos sintomas de decomposição. E desta vez o mar de lama atinge até mesmo a alta cúpula de instituições tidas como sagradas, que se corromperam pela lógica nefasta do capital. (Luiz Fernandez)

Desemprego atinge 11,3 milhões de americanos

Mais de 11 milhões de trabalhadores norte-americanos estão desempregados. O governo dos EUA acaba de anunciar que o índice de desemprego atingiu 10,1% da população economicamente ativa em setembro. Fica patente a falência da política econômica de Reagan. Os trabalhadores se lembrarão disso nas eleições que vão se realizar em 2 de novembro.

As eleições serão para a Câmara dos Deputados e para renovar uma parte dos senadores e governadores e nela terão grande peso os 11,3 milhões de desempregados. Se contarmos cada um com três dependentes chegamos a um número

impressionante: 45 milhões de norte-americanos sofrendo dessa chaga social.

Ao assumir a presidência, em 1980, Reagan e seus parceiros republicanos diziam ter a fórmula para recuperar a economia norte-americana: prometiam reduzir os impostos federais e ao mesmo tempo cortar os enormes gastos públicos. Segundo essa teoria, os trabalhadores teriam mais dólares para consumo, as indústrias em consequência produziriam mais e o governo disciplinaria sua atuação na economia.

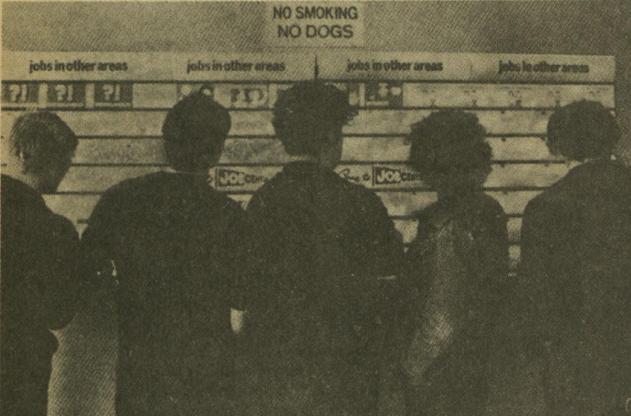
POR ÁGUA ABAIXO

Apesar de ter cortado os gastos

sociais, o governo acabou é aumentando suas despesas, principalmente as militares e as relacionadas com a indústria energética. Só Israel consome uma base de 3 bilhões de dólares dos EUA por ano. Isto levou a um recorde histórico nos déficits públicos; e o governo entrou desesperadamente no mercado de empréstimos, jogando a taxa de juros para as nuvens. Os juros pesadíssimos inibem a economia e trazem o grande índice de desemprego, junto com uma alta inflação.

As exportações americanas também estão afetadas, devido à valorização do dólar, que encarece as mercadorias. Em 1981 as exportações representavam 8,6% do Produto Nacional Bruto; atualmente esta taxa está abaixo de 8%. Além disso, setores tradicionais da indústria norte-americana (como o aço e automóveis) passaram a sofrer com a concorrência internacional, perdendo cada vez mais terreno.

Não satisfeito com este quadro, o governo Reagan vem cortando a assistência social, para a felicidade dos monopólios, pois sem os benefícios sociais os trabalhadores são obrigados a aceitar um salário mais baixo, pois se perderem o emprego ficam sem a assistência do Estado. Mas o feitiço pode se virar contra o feiteiro. A classe operária norte-americana está perdendo suas conquistas. As contradições se aguçam na sociedade capitalista mais avançada do mundo.



Para trabalhadores norte-americanos Reagan significa menos empregos

Colabore com a campanha de assinaturas da Tribuna Operária

Desejo receber em casa a Tribuna. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318. Anual de apoio (52 eds.) - Cr\$ 5.000,00 Semestral de apoio (26 eds.) - Cr\$ 2.500,00 Anual comum (52 eds.) - Cr\$ 2.500,00 Semestral comum (26 eds.) - Cr\$ 1.250,00 Nome:..... Endereço:..... Bairro:..... Estado:..... Cidade:..... CEP:..... Telefone:..... Data:..... Profissão:.....



Paulo Renato Palm

"A gente sabe que a imprensa do sistema não publica realmente a posição em que se encontram os trabalhadores. Tribuna dá um quadro mais real da situação calamitosa em que se encontra o povo brasileiro e dá informação dos conflitos dos explorados contra as classes dominantes. Mostra a luta dos trabalhadores" — Paulo Paim, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, RS.

Tribuna Operária

Endereço: Travessa Brigadeiro Luis Antônio, 53, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318. Telefone: 36-7531 (DDD 011) Telex: 01132133 TLOP BR

Jornalista responsável: Pedro Oliveira Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Oliveira Rangel. Sucursais: Acre: Rua Belém, 91 - Estação Experimental, Rio Branco - CEP 69900. Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A, Praça da Saudade, Caixa Postal 1439, Manaus - CEP 69900. Paraíba: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - CEP 50000. Maranhão: Rua da Paz, 217 - Centro - CEP 65000. Piauí: Rua Simplicio Mendes, 150, sala 11 - Teresina

CEP 64000 Ceará: Rua do Rosário, 313 - sala 206 - Fortaleza - CEP 70000 Rio Grande do Norte: Rua Fonseca e Silva, 1098, sala 102 - Alecrim - Natal - CEP 59000 - Paraíba: Rua Padre Meira, 30 - sala 108 - Centro - João Pessoa - CEP 58000 - Rua Venâncio Neves, 318 - 1º andar - Campina Grande - CEP 58100. Pernambuco: Rua 7 de Setembro, 42 - 7º andar - sala 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000. Alagoas: Rua Cincinato Pinto, 183 - Maracão - Centro - CEP 57000. Sergipe: Rua João Pessoa, 299 - sala 28 - Aracaju - CEP 49000. Bahia: Rua Senador Costa Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP 40000. Av. Getúlio Vargas, 260 - sala 101 - Feira de Santana - CEP 44100. Rua Garibaldi, 42800 - Av. Juracy Magalhães, 180 - sala 204 - Itabuna - CEP 45600. Minas Gerais: Rua 96 - Bahia, 573 - sala 904 - Centro - Belo Horizonte - Tel. 224-7605 - CEP 30000. Rio de Janeiro: Rua do Contorno, Rodoviário, 345-355 - Contagem - CEP 32000. Bahia: Rua da Liberdade, 8 - andar - sala 411 - CEP 40000. Ceará: CEP 61000. Maranhão: CEP 65000. Paraíba: CEP 58000. Pernambuco: CEP 58000. Piauí: CEP 65000. Rio Grande do Sul: CEP 91000. Santa Catarina: CEP 88000. São Paulo: CEP 01000. Sergipe: CEP 57000. Tocantins: CEP 77000. Distrito Federal: Ed. Goiás - sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Curitiba - Tels. 321-5095 e 321-9095. CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127 - sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90 - sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155 - Loja "E" - Madureira - Rio de Janeiro - Av. Amarel Peixoto, 370 - sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubatuba, 1716 - sala 9 - 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - CEP 13100. Paraná: Av. Winston Churchill, 2000 - sala 3 - Pinheiro - Curitiba - CEP 80000. Rua Serpepe, 892 - salas 7 e 8 - Londrina - CEP 86100. Rio Grande do Sul: Rua General Câmara, 52 - sala 29 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000. Rua Dr. Montaurio, 658 - 1º andar - sala 15 - Caxias do Sul - CEP 95100. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressão na Cia. Editora Jorgens. Rua Gastão, 100 - CEP 20000 - Rio de Janeiro.

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

Tramóias do PDS no Estado do Acre

Com o menor colégio eleitoral do país — 107 mil eleitores — o Acre fará este ano oito deputados federais, o que faz cada voto acreano valer por mais de 15 votos paulistas. Como em todo o Brasil, a grande disputa se dá entre o PMDB e o PDS, que apela para a compra de votos e até sorteia geladeiras e televisores para segurar o povo nos seus comícios.



Trovoada, candidato popular.

Na eleição de 1978, o partido do governo ganhou a cadeira de senador pelo Acre com apenas 54 votos de diferença — sob o protesto da oposição, que denunciou roubalheira grossa no município de Sena Madureira. Este virtual empate dá um toque extra de emoção à campanha acreana. O PDS lançou para governador o senador Jorge Kalume — homem ligado aos órgãos de repressão, que durante a "greve dos garis" de Rio Branco, no mês passado, advogou uma linha de demissões e prisões. O forte da

campanha governista está nos curras eleitorais, mas sobretudo no dinheiro. É um verdadeiro bingo. Além do escandaloso sorteio de geladeiras e televisores nos comícios, há farta distribuição de automóveis para os cabos eleitorais, folhas de alumínio e madeira para construção, aos eleitores. A orientação do PMDB é para o povo aproveitar a falsa generosidade do governo, ficar com os "presentes", mas votar na oposição.

A FORÇA DOS POPULARES

Contra o dinheiro do PDS, a oposição ganha terreno com uma candidatura ao governo considerada a melhor que possível no quadro acreano. Nabor Junior, o candidato do PMDB acreano, além de aglutinar muitas forças tem uma tradição de firmeza no tratamento dos problemas acreanos, como a defesa dos posseiros contra a grilagem. Durante a última greve dos professores estaduais, prometeu que em seu governo eles escolherão o secretário da Educação. E nos comícios, atos públicos e visitas de casa em casa, tem pregado inclusive um governo de unidade popular para o Acre.

Um dos segredos desta campanha avançada é a força do Bloco Popular do PMDB acreano, que vem se formando desde 1974, tendo à frente o destemido deputado federal Aluizio Bezerra. Com bastante peso e atuação intensa, o Bloco Popular lançou candidatos em todos os 12 municípios acreanos — e concorre com nove nomes só para a Câmara dos Vereadores de Rio Branco. No Acre não há prefeitos eleitos, somente biônicos, pois todo o Estado é considerado área de segurança nacional. Mas entre os candidatos a deputado estadual sobressaem os populares, como o líder dos professores, Manoel Pacifico, o combativo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tarauacá, Raimundo Trovoada, o ex-dirigente estudantil Valmir Ribeiro e o vereador em Cruzeiro do Sul Jader Machado. Até para o Senado o Bloco Popular concorre, com o escritor e médico Mário Maia.

FORA DO PÁREO

Também no Acre concorrem o PT e o PTB, mas fora do páreo majoritário e com escasso peso eleitoral. O PT, que para efeito externo vende a imagem de partido forte no Acre, poderá no máximo eleger um solitário deputado federal. E este seria justamente João Maia, já afastado da candidatura a governador quando descobriu-se que, além de ter apoiado o governo nas eleições passadas, ele se apropriou de nada menos que 54 títulos de glebas de terra destinadas a pequenos agricultores.



O PMDB denunciando nas ruas a política antipopolular do governo.

A luta decidida é que dará a vitória ao PMDB

A batalha eleitoral entrou na fase decisiva. A tendência do eleitorado é votar contra o governo, mas boa parte ainda não escolheu concretamente os seus candidatos. Existe um grande anseio de votar certo.

O governo lança mão de todos os recursos para evitar a derrota. E não se pode subestimar a sua capacidade de confundir eleitores e mesmo aliciar votos em camadas menos esclarecidas politicamente.

Em São Paulo, Lula ataca furiosamente o PMDB, ajudando na prática o PDS. Mas o governo já percebeu que esta ajuda é insuficiente para impedir a vitória de Franco Montoro. Por isto procura reforçar a campanha de Jânio que, por absoluta falta de propostas, trata de aparecer nas manchetes dos jornais com ameaças de renúncia se não houver plateia suficiente nos shows musicais que promove na periferia.

Em Minas, além da corrupção desenfreada, da violação das próprias leis do regime e de uma campanha multimilionária, o pedessista Eliseu Resende espêra que o PT consiga tirar ao menos uma pequena porcentagem dos votos de Tancredo, candidato do PMDB.

No Rio Grande do Sul, o governo faz um esforço desesperado para salvar de uma grande derrota o seu candidato, Jair Soares. Estimula a candidatura de Alceu Colares, do PDT, no intuito de dividir a oposição e retirar votos de Pedro Simon, do PMDB, grande favorito.

Mas é no Rio de Janeiro que se

trava a batalha mais acirrada. Depois do fracasso de Sandra Cavalcanti, que foi anunciada por certo tempo como a grande vitoriosa, o próprio ministro Leitão de Abreu foi planejar diretamente como deve ser a campanha do Leonel Brizola para tirar votos de Miro Teixeira. Foi até flagrada uma reunião de Brizola, com Leitão de Abreu e Moreira Franco, do PDS, em Copacabana. (Veja pag. 8). É lamentável que o Sr. Brizola tenha aceitado tarefa tão suja.

Figueiredo por sua vez, deixou definitivamente as responsabilidades da presidência da República para exercer a função de chefe do PDS e de cabo eleitoral. Vai a todo lugar pedindo votos. Usa para isto os recursos do Estado — pagos pelos impostos pesadíssimos cobrados ao povo.

Denúncia firme dos responsáveis pela calamidade

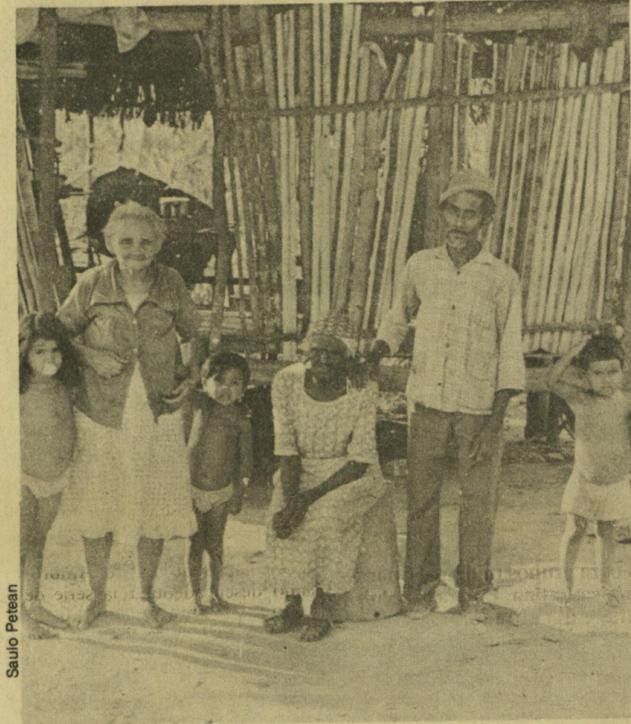
Diante desta situação, o grande trunfo para a vitória do PMDB é uma oposição firme. Não a radicalização artificial de palavras. Mas uma denúncia clara e objetiva da calamidade por que passa o país e dos culpados por ela — e o combate democrático sem vacilações ao regime militar. Estas são as questões-chave que reforçarão a unidade dos eleitores em torno do PMDB, para garantir a vitória da oposição contra a máquina governamental do PDS.

Para superar os milionários recursos propagandísticos dos

donos do poder, e rebater a sua campanha demagógica, é essencial jogar com ousadia a campanha para as ruas. Valem para isto as caminhadas, debates públicos nos bairros, nas fábricas, nas escolas, comícios e todas as formas para facilitar ao povo o conhecimento dos candidatos e as suas propostas políticas. Devem ser iniciativas que levem os candidatos majoritários e o conjunto da legenda oposicionista — principalmente os candidatos populares.

Ampliar as forças que lutam para a derrota do regime

Junto com isto é mais do que nunca indispensável compreender que a possibilidade da vitória depende da união das mais variadas forças contra o regime. Nada de estreiteza. É hora de incorporar à campanha oposicionista personalidades democráticas, intelectuais, artistas, líderes sindicais e populares, que muitas vezes ficam em segundo plano mas que podem prestar uma enorme contribuição. Todos os descontentes com este governo, inclusive os que tiveram participação no regime mas que dele se afastaram, podem colaborar para a derrota do PDS em 15 de novembro. Ao povo interessa hoje tudo o que une contra o regime, tudo o que contribui para uma vitória esmagadora da oposição aglutinada no PMDB. E pelo contrário, tudo que divide serve ao general Figueiredo e seus pausmandados do PDS. (Rogério Lustosa)



Família de posseiros acreanos: o candidato do PMDB garante defendê-los.



Paulino, falsificador e torturador.

Gráfico denuncia o falsificador do jornal O São Paulo

Em depoimento prestado na última terça-feira no Deops paulista, o gráfico José Calixto apontou o empresário Afonso de Araujo Paulino, editor do *Jornal de Minas* como responsável pela edição falha do jornal *O São Paulo*, da Cúria Metropolitana.

Calixto precisou deixar Belo Horizonte às pressas, fugindo às ameaças do empresário de matar e sequestrar seus filhos. Afonso Araújo Paulino é conhecido na capital mineira por suas ligações com a extrema direita. Já foi denunciado publicamente por ex-presos políticos como colaborador nas sessões de tortura do DOI-CODI mineiro. Foi informante do Serviço Nacional de Informação. Foi apontado pelo deputado Genival Tourinho como espancador dos padres Lage e D'Amato, depois do golpe militar de 1964. Também foi denunciado por crime de extorsão. Diversas vezes foi acusado de sequestrar e matar pessoas, e de fazer grilagem no Vale do Jequitinhonha, onde possui duas fazendas. Foi processado 13 vezes por crimes de imprensa em seu jornal. Mas recebeu diversas condecorações militares...

Chama da Vitória em Santa Catarina reúne 20 mil pessoas

No dia 3 de outubro Florianópolis, capital de Santa Catarina, assistiu à maior concentração política de toda a sua história. O PMDB organizou a Jornada da Mudança, percorrendo 197 municípios do Estado.

Milhares de jovens atletas conduziram três tochas que saíram de três centros distantes de Santa Catarina, simbolizando o desejo de mudança do povo catarinense, anseio de acabar de uma vez por todas com a corrupção das oligarquias Ramos e Bornhausen, que se consideram proprietárias de todo o Estado e se revessam no poder há 80 anos.

A Caravana partiu do Oeste, Norte e Sul do Estado, encontrando-se em Florianópolis numa grande concentração. O povo começou a se reunir às 14 horas para aguardar a chegada da Chama da Vitória, cantando palavras-de-ordem, slogans, erguendo cartazes dos candidatos do PMDB. O clima era de festa. Havia barraquinhas vendendo livros, revistas e outros materiais para arrecadar fundos para os candidatos populares.

Às 19:30 horas, quando a Chama da Vitória chegou, 20 mil pessoas, a uma só voz, gritaram o nome do candidato a governo do Estado pelo PMDB, Jaison Barreto, que vem ganhando espaço no eleitorado.

Ao iniciar seu discurso, Jaison disse que a chama da Vitória ficará acesa até 15 de novembro, retornando então aos municípios, representando a devolução do poder ao povo. É este o símbolo da proposta do governo democrático, anti-oligárquico e de participação popular. O comício foi uma prova clara de que o povo catarinense exige mudança para combater a fome, a miséria e a corrupção imperantes no Estado. (da sucursal)

Tribuna Operária recebe mais notas de solidariedade

Mais mensagens de apoio chegaram à redação da *Tribuna Operária* e à Editora



Anita Garibaldi, ameaçadas pela Lei de Segurança Nacional.

"O projeto da chamada abertura do general Figueiredo emperrou. Para conter o avanço dos setores democráticos e do povo, o general lança mão dos mesmos métodos truculentos dos seus antecessores. Pessoas como os diretores da Editora e da *Tribuna*, bem como João Amazonas, que sempre tiveram um mesmo posicionamento em defesa dos interesses populares, incomodam o regime. Daí a tentativa de intimidação". — João Pedro, ex-diretor da UNE, membro do Diretório Regional do PMDB e candidato a deputado estadual no Amazonas.

"Eu li a revista *Guerrilha do Araguaia* e não vi nela nenhum assunto que atente contra a segurança nacional. Não creio que o relato de um fato verídico, a luta dos guerrilheiros contra as Forças Armadas, represente alguma ameaça à segurança do país. Creio que só teme os fatos aquele que teve um comportamento indecoroso para com a sociedade. E parecem temer a história os que proíbem que a guerrilha seja amplamente divulgada para que a população tire suas próprias conclusões".

Lira, compositor e líder popular, candidato a vereador pelo PMDB de Manaus.

Ato em S. Paulo reforçará movimento contra a LSN

A Comissão Justiça e Paz, a Ordem dos Advogados do Brasil, a Associação Brasileira de Imprensa e a Comissão Arquidiocesana Pastoral de Direitos Humanos e Marginalizados estão convocando para o dia 26 de outubro, em São Paulo, um ato pela revogação da Lei de Segurança Nacional.

O ato deverá ser realizado no Teatro Nidia Licia, na rua Domingos de Morais, 2.970.

Atualmente estão ameaçados de enquadramento nesta lei os jornalistas responsáveis pela Editora Anita Garibaldi, que publica a *Tribuna Operária*. O jornalista Juvêncio Mazzarollo (Nosso Tempo, Paraná), condenado pela LSN, encontra-se em condições carcerárias extremamente precárias, sem direito a surtos nos benefícios da "Lei Fleury", embora seja réu primário. Também encon-



A convocatória do ato contra a lei fascista.

tram-se presos em São Paulo condenados pela mesma lei os jornalistas do *Hora do Povo* Cláudio Campos, Ricardo Lessa e Pedro Camargo.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Uma iniciativa que merece total apoio

Merece integral apoio a campanha contra a Lei de Segurança lançada em São Paulo pela Comissão de Justiça e Paz — assim como a iniciativa semelhante partida da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul e outras. Só se pode lamentar que ainda não tenham se aglutinado todas num só clamor nacional contra este repelente rebendo do regime militar fascista.

Que ninguém se engane. Ela está aí para ser usada, pela Justiça Militar de exceção, contra o povo. E tem sido usada, com frequência. Por um simples artigo, uma frase, um gesto, arrasta brasileiros honrados para o cárcere. É a lei de segurança do regime que aí está. Revogá-la é questão vital, da maior importância para todos os democratas, antes, durante e depois do 15 de novembro.

Comício sela unidade do PMDB

Na arrancada final rumo a vitória do PMDB em Pernambuco, no último dia 10 mais de 50 mil pessoas participaram do comício no bairro de Casa Amarela, em Recife. Com as mãos erguidas e abertas, formando o cinco — símbolo do PMDB —, o povo vibrou com a perspectiva de derrotar o governo. Assim, pos por terra as "pesquisas" que dão vitória ao PDS no Estado.

O ponto alto do comício foi que nele se selou de vez a unidade da frente oposicionista no Estado. Até aquele momento, os combativos candidatos a deputado federal Miguel Arraes e Jarbas Vasconcelos não deixavam claro em seus pronunciamentos o apoio aos candidatos majoritários do PMDB, Marcos Freire e Cid Sampaio, o que enfraquecia o PMDB.

Na manifestação os dois conclamaram o povo à unidade e à necessidade de eleger Marcos e Cid, derrotando o inimigo principal, o PDS. Quando Jarbas se referiu pela primeira vez a Cid Sampaio, dizendo que "precisamos elegê-lo senador", a multidão em peso aplaudiu. Foi um momento de festa, no qual não faltou o aperto de mão entre Cid e Jarbas.

A maioria dos discursos da noite centrou fogo na denúncia da corrupção e do entreguismo do governo e da miséria do povo. Luciano Siqueira, candidato a deputado estadual, marcou a importância destas eleições

como a forma "de avançarmos na luta para derrubar a ditadura militar e, mais ainda, de abriremos caminho na luta pelo socialismo". Teve papel de destaque na convocação do comício a atuação do bloco de candidatos populares do PMDB. Os comitês de Luciano Siqueira, Cristina Tavares e dos candidatos a vereador Gomes Filho, Eufrásio Elias e Francisco Vitória levaram mais de dez ônibus lotados para manifestação.

Ulisses Guimarães, presidente do PMDB, falou no comício. E Marcos Freire, candidato ao governo, foi carregado pelo povo até o palanque.

CONTRA A VIOLÊNCIA

Dois dias antes do comício de Casa Amarela, houve uma passeata pelas ruas centrais de Recife em repúdio a libertação dos implicados no "Escândalo da Mandioca" e no assassinato do procurador Pedro Jorge. Cinco mil populares exigiram a imediata prisão do Major Ferreira, figura chave



Marcos Freire é carregado pela multidão, que vibrou com a unidade do PMDB

no escândalo e suspeito de ter matado o procurador.

Ferreira é um conhecido torturador e assassino. Está envolvido na morte do Padre Henrique, em 1969, e é tido como autor do disparo que deixou paraplético Cândido Pinto, ex-presidente da União dos Estudantes de

Pernambuco. Sua libertação mostra a cumplicidade do governo.

A manifestação foi convocada pelos familiares de Pedro Jorge e contou com a presença de Marcos Freire, Cid Sampaio, Dom Helder Câmara, Cristina Tavares e representantes de entidades populares (da sucursal)

Pernambuco votará com a oposição



O ex-presidente do PMDB pernambucano e candidato a deputado federal Jarbas Vasconcelos denunciou dia 8 que uma empresa da Prefeitura do Recife — a EMPREL — é quem realiza no Estado as famosas pesquisas eleitorais do Instituto Gallup e da revista Veja. O próprio gerente da EMPREL, que se demitiu por razões de consciência, confirmou. E agregou que o ex-prefeito e candidato a vice-governador do PDS, Gustavo Krause, reúne-se na sede da empresa, junto com o presidente da EMPREL — que é do comitê eleitoral do PDS — para "examinar" os resultados das pesquisas. E mais: informou que não existe nenhuma forma de pagamento pelo uso dos computadores da empresa... Sai o favoritismo do PDS pernambucano nas páginas de Veja, quando qualquer observador constata o contrário.

Não foi preciso treino

Amauri dos Santos, 17 anos e analfabeto, quase vira eleitor em Mirai, Minas Gerais. Quem entregou-lhe o título foi a agente governista e escritora eleitoral Clímene Reis, que mandou o rapaz treinar uma assinatura até 15 de novembro. Não precisou porque a fraude foi descoberta.

Se gritar pega ladrão...

O governo de Goiás comprou 2 mil carros com dinheiro público para dar aos candidatos do PDS. Quem confessou o crime num jornal local foi Helenês Cândido, deputado estadual do próprio PDS. Disse que recebeu carros e acha normal, porque "isso ocorre desde que me entendo por gente".

Estudantes apoiam Aldo

Dirigentes de 48 das 53 entidades estudantis existentes em Goiás lançaram segunda-feira um manifesto de apoio à candidatura Aldo Arantes (Bloco Popular do PMDB) a deputado federal. Cleuber Cardoso, presidente do DCE da Universidade Católica, explicou os motivos: "Aldo defende o lema de Terra, Trabalho, Liberdade e Independência Nacional; foi o único que apresentou um programa; e tem toda uma vida de luta com o povo".

Cantiga do adeus Maluf

Seis mil dos 13.500 habitantes de Buritama, interior paulista, cantaram juntos dia 9: "Aiaiaiai, Montoro já vem chegando e Maluf já vai embora!" Franco Montoro, presente, ficou impressionado com a força do comício, coordenado pelo professor Roberto Neas Carvalhos, candidato popular a vereador. O PDS deu uma churrascada no mesmo dia e alugou duas caminhonetes para esvaziar o comício do PMDB. Não levou ninguém.

Churrascada indigesta

Um fracasso total, a planejada superfeita do PDS paulista, segunda-feira, no Anhembí. Figueiredo compareceu, com dez ministros e toda a cúpula do seu partido, mas faltou público. Sobrou mais da metade do churrasco para 4.800 pessoas, contratado no "Dinho's Place" à base de 4 mil cruzeiros por cabeça. E ninguém quis dizer de onde saiu esse dinheiro.

A política das fábricas

Em Campinas, São Paulo, os patrões da Indústria ASA demitiram o operário Flávio Costa assim que souberam que ele é candidato a vereador pelo Bloco Popular do PMDB. A multinacional Singer fez o mesmo com o metalúrgico Wilson Alves, também do Bloco. Motivo alegado: "Ou a fábrica ou a política". Mas um candidato do PDT na Singer não foi incomodado...

Reynaldo ataca o PMDB

Em desespero de causa, Reynaldo de Barros e Afif Domingos, candidatos do PDS ao governo paulista, lançaram um folheto acusando o PMDB de "não significar nem voto de protesto". É a confissão de que o povo vai votar em massa contra o governo. E fica a pergunta: se é assim, por que um folheto só contra o PMDB?

Por uma oposição unida

Na cidade de Pedro Leopoldo, grande Belo Horizonte, os candidatos do PDS ao governo, vice-prefeito e vereador decidiram desistir de suas candidaturas e apoiar o

PMDB. E deixaram claro o porquê: "A união das oposições é importante para consolidar a derrota do governo e do PDS".

PTB morde

Em Diadema, ABC paulista, é o PTB de Jânio que anda agredindo e até ferindo oposicionistas. Dia 5 danificou seriamente uma perua do PMDB. O povo responde engrossando a campanha peemedebista, como no comício massivo em Jardim Canhema, bairro do candidato operário Jaime Vicente.

Palmas contra o governo

Na feira de São José, São Caetano, o comitê do candidato popular a vereador Leopoldo Neto (PMDB) ensinava a votar quando chegou um agente do PDS, com ameaças. Mas um popular pediu a palavra, lascou a lenha no governo, e foi tão aplaudido que quem teve que sair foi o homem do PDS.

Timbau é PMDB

Há muito tempo o Morro do Timbau, em Madureira, no Rio, não via algo como a inauguração do comitê dos candidatos populares Arlindor Pedro (a vereador) e Carlos Henrique (a deputado estadual) pelo PMDB. Além de filmes e um "grupo do pagode", levantou-se as principais lutas da favela — luz direta da Light e posse da terra para todos.

PDS cearense em baixa

No sertão cearense há uma debandada do PDS. Em Frecheirinha um candidato a prefeito, dois ex-prefeitos e oito candidatos a vereador deixaram o governo pela oposição. Em Aquiraz e Pacoti, idem. Todos alegam que "os interesses maiores dos municípios são relegados a plano secundário".

Escolas de votar certo

Escolas de voto foram a forma encontrada em Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo, para vencer o casuismo eleitoral do governo. Quem teve a idéia foi o candidato a vereador pela Tendência Popular do PMDB Dejalma Carvalho, que também é líder do Movimento Contra a Cestaria na cidade.

200 candidatas gaúchas

As mulheres do PMDB gaúcho realizam este domingo, dia 17, o seu segundo encontro estadual — com previsão de 3 mil participantes, entre elas a economista Maria da Conceição Tavares, Eliete Sacioti e a primeira presidente da UNE, Clara Araújo. As gaúchas nesta campanha lançaram quase 200 candidatas a vereadora só pelo PMDB.

Arbítrio piauiense

A polícia piauiense, junto com um assalariado do PDS, prendeu por longas horas um grupo de estudantes que colava propaganda dos peemedebistas Osmar Júnior (a vereador) e Kleber Montezuma (a deputado estadual). O fato foi denunciado poucas horas depois, numa grande passeata do PMDB nas ruas centrais de Teresina.

Vavá vai perder a boca

No bairro do Iburá, Recife, o presidente da Associação de Moradores, um certo Vavá, ameaçou de agressão o candidato a vereador Gomes Filho (PMDB) por causa de uma pichação. Vavá subiu à entidade pela fraude, por ser cabo eleitoral do PDS, e anda com medo da vitória de um oposicionista do bairro como

Candidatura de Haroldo toma conta da Bahia

A "tendência popular" na Bahia tem um nome em franca ascensão, o do ex-preso político perseguido e torturado pela ditadura militar Haroldo Lima, citado nas pesquisas eleitorais como um dos candidatos a deputado federal mais votados pelo PMDB. Isso contribuiu para fortalecer o partido oposicionista e derrotar o PDS, já abalado pela morte de Clériston e a indicação do seu inexpressivo substituto João Durval Carneiro.

Uma candidatura tida como radical está conseguindo tomar conta da Bahia, um Estado até então tido como sustentáculo do governo em termos eleitorais. Como isso é possível?

O engenheiro e ex-preso político Haroldo Lima explica que isso expressa o sentimento oposicionista que se expande por todo o país. "Os currais estão sendo abertos em todos os Estados, garante Haroldo, um dos candidatos a deputado federal pelo PMDB mais destacados do país. "O apoio maciço à minha candidatura,

prossegue ele, reflete todo esse quadro de indignação dos baianos, na capital e no interior, contra a arrogância e as diretrizes administrativas de privilégio de poucos em relação à miséria da grande maioria".

APOIO GERAL

E seu nome tem apoio efetivo em todas as regiões da Bahia, do Vale do São Francisco, passando pelo sertão, zona do cacau e nordeste.

Com uma campanha financeiramente pobre, Haroldo Lima tem usado todo o seu potencial oposicionista para superar a falta de recursos. Para isso conta com o apoio de diversos segmentos sociais, formando comitês entre os estudantes, líderes

sindicais, profissionais liberais, moradores de bairros periféricos e estruturas montadas no interior.

Haroldo Lima diz que, na sua campanha, contribui para a derrota de Antônio Carlos Magalhães e do PDS no plano estadual, reforçando a chapa majoritária do PMDB, com Roberto Santos para governador, Rômulo Almeida para vice e Waldir Pires para senador. No bojo disso, expressa característica própria da sua campanha, atacando o regime de fome e entreguismo, combate que se expressa nas quatro bandeiras principais da sua candidatura: trabalho, terra, liberdade e independência nacional. (da sucursal).



Haroldo Lima fala ao povo num ato público contra o pacote eleitoral

Um aniversário que virou comício

O aniversário do candidato a deputado federal pela tendência popular do PMDB da Bahia foi comemorado no dia 8 de outubro com mais de setecentas pessoas em comício de rua no largo do Tororó, bairro onde está localizado seu comitê.

Haroldo Lima foi saudado por jovens e antigos moradores do bairro. O presidente da Associação de Moradores, Paulo Borges, disse que Haroldo é um autêntico representante do povo, perseguido por isso, mas que nunca deitou a bandeira de luta.

Falaram ainda representantes dos candidatos populares do bairro e a candidata a vereadora Lídice da Matta, que conclamou os jovens, mulheres e negros a votarem maciçamente no PMDB para derrotar o PDS, o "Partido da Desgraça Social".

Uma criança subiu ao palanque e fez questão de homenagear Haroldo dizendo: "o povo de Tororó quer te ver eleito defendendo todos nós". No final Haroldo foi carregado pela multidão até seu comitê, onde foi servido um grande bolo de aniversário.

Exportar não foi a solução

De janeiro a setembro as exportações tiveram uma queda de 19%, sendo que as de açúcar já estão paralisadas. Apavorados, os tecnocratas do Planalto fazem de tudo para equilibrar as exportações e importações este ano, chegando ao extremo de deixarem de comprar petróleo e trigo!



A exportação do açúcar está paralisada devido a baixa dos preços

A paralização da exportação do açúcar é um golpe duro sobre as exportações. Em 1980 a tonelada de açúcar estava cotada em 510 dólares; hoje está em torno de 120 dólares, sendo que o custo da tonelada para o país fica em 250 dólares. O governo vinha cobrindo os prejuízos crescentes, mas agora teve que cancelar as exportações deste produto que sempre foi um dos esteios da nossa balança comercial.

O governo Figueiredo foi um dos que mais aplicou a política do "exportar é a solução", que levou a economia ao impasse. Ele previa um superávit de três bilhões de dólares, dizendo que 1982 seria o "ano da exportação". Agora a torcida oficial é para conseguir pelo menos um equilíbrio na balança, o que já vai ser difícil.

Em setembro o superávit comercial foi de apenas 52 milhões de dólares, conseguido graças ao corte de 300 milhões de dólares na importação de petróleo. Se não fosse esta redução, setembro já apresentaria um déficit de 250 milhões de dólares. Mas o governo prefere jogar o déficit para depois das eleições, temendo a catástrofe também nas urnas.

O corte nas importações tem sido usado para disfarçar a crise cambial.

Outro produto que sofreu um violento corte foi o trigo em 130 milhões de dólares. Adiou-se a compra para o ano que vem. A ordem dos credores do Brasil é clara: parem a economia. E os entreguistas tentarão cumpri-la à risca.

EXPORTAR O GOVERNO

As nossas exportações encontram um mercado mundial que vive a sua maior crise. Os preços das principais mercadorias que o Brasil exporta estão em baixa no exterior. Além disto os mercados compradores estão se fechando para o nosso país. Isto já aconteceu com o México, que não

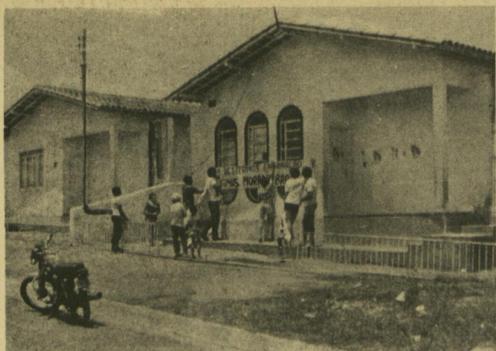
pagou os exportadores brasileiros, levando várias empresas nacionais à beira da falência. A Nardini, por exemplo, entrou em concordata. Também se fecham os mercados da Nigéria, Chile, Venezuela, Polônia e de todo leste europeu.

Neste quadro é um verdadeiro crime voltar o país para o mercado externo, dando prioridade número um às exportações. Só um tipo de exportação beneficiaria o país no atual momento de crise econômica: a exportação dos tecnocratas do Planalto, para bem longe do Brasil. (Luiz Gonzaga)

Queda aparente da inflação é truque do governo

A inflação de setembro ficou em 3,7% de acordo com a Fundação Getúlio Vargas. O governo prega aos quatro ventos que sua política está dando certo. Que a inflação está baixando. Pura demagogia, manobra eleitoral. Está acontecendo o que nós já denunciávamos em nossa última edição de julho. O governo e os empresários fizeram um pacto para ajudar o PDS. Seguraram vários preços importantes para depois das eleições. E em alguns casos parcelaram os aumentos. Fizeram isso com os serviços públicos e principalmente com as tarifas de energia elétrica. Se a luz tivesse subido como planejado acrescentaria mais de 0,5% no índice. O grupo dos serviços públicos subiu 2,7% em setembro.

Outro fator que contribuiu para a queda dos índices em setembro foi o setor dos produtos agrícolas. Os preços do setor tiveram aumento de apenas 0,6%. A explicação para isto está na recessão econômica, na perda do poder aquisitivo da população e no fato do setor não ser monopolizado. Os setores monopolizados continuaram com aumentos bem acima da média. O setor de máquinas e veículos por exemplo, fortemente monopolizado teve um aumento nos seus preços em setembro de 6,8%. Depois das eleições a inflação deve disparar pois as taxas de juros, fator inflacionário de grande peso, foram elevadas com as recentes medidas governamentais. Outro agravante é o aumento das desvalorizações do cruzeiro.



"Queremos moradia barata" dizem as fiixas dos moradores.

O povo quer casa em Anápolis

Cerca de 300 famílias do Conjunto Habitacional Mirage, em Anápolis, Goiás, foram às ruas armados com paus e pedras para não serem despejados de suas casas. A revolta deles era contra as trapanças arquitetadas pela firma Complexo Imobiliário — formada pela Construtora Tocantins, a Economisa e a Solar Imóveis. O Complexo Imobiliário prometeu às pessoas que reformassem as casas do Mirage teriam aluguéis em torno de dez mil cruzeiros. Trezentas famílias foram na conversa da Imobiliária e depois que reformaram as casas, a Economisa entrou com um processo de despejo e desapropriação dos imóveis.

O despejo só não se concretizou devido a reação do povo. No dia 4 ocorreu o

despejo de uma moradora, mãe de nove filhos, que foi deixada com seus móveis em frente ao fórum da cidade. Os moradores revoltados disseram: "Se ela não pode morar aqui, ninguém vai morar". E depedram toda a casa. Até crianças participaram, subiam no telhado para ajudar a arrancar as telhas. Uma senhora gestante, chorando de raiva, apanhou uma picareta e ajudou na demolição.

Em seguida saíram em uma passeata de protesto, carregando faixas que diziam: "Moradia é um direito do povo"; "As casas são do povo, não são dos tubarões". Aldo Arantes, candidato a deputado federal e Antonio de Deus, candidato a vereador, ambos do Bloco Popular do PMDB, foram dar seu apoio à luta dos moradores. (da sucursal)

Professor vota contra o PDS

Apesar da pequena representatividade, o 3º Congresso da Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeosp), nos dias 12 e 13, tirou resoluções importantes para categoria. Os cem congressistas aprovaram a luta pela reformulação dos horários de trabalho, visando diminuir a sobrecarga de serviço e atender melhor os alunos; pelo fim das perseguições aos professores enquadrados sob regime da CLT, que têm sido vítimas das listas negras; por mais verbas para educação; etc.

Foi modificada a estruturação da entidade, ampliando sua representatividade. O Conselho de Representantes da Apeosp, que antes agrupava uma minoria de "ativistas" das regiões, de agora em diante reunirá representantes por escola. Quanto às eleições de novembro, decidiu-se desenvolver uma campanha, que inclui as salas de aula, pelo voto contra o PDS. Foram eleitos os delegados para o Enclat paulista e para o Congresso da CPB (Confederação dos Professores do Brasil).

Mães exigem creche em S. Paulo

No dia 13 de outubro, 80 pessoas foram até o gabinete do prefeito de São Paulo, Salim Curiati, exigir a construção de creches públicas e gratuitas nos bairros. O prefeito irritado, disse às mulheres: "Pensei que viessem aqui mães que elogiassem o Reynaldo", se referindo ao ex-prefeito e candidato a governador. O Movimento de Luta por Creche de São Paulo, criado em 1979, foi quem organizou a ida até a prefeitura.

Uma das principais reivindicações das mães da periferia de São Paulo é a creche. Geralmente elas trabalham e não tem um local onde deixar seus filhos. Já houve vários

casos de crianças morrerem queimadas dentro dos barracos, porque é comum as mães deixarem os filhos trancados dentro de casa, enquanto estão trabalhando fora.

Graças a intensa mobilização das mães, principalmente do Movimento de Luta por Creche, foram criadas algumas creches, mas em número muito aquém das necessidades. Atualmente existem apenas 132 creches funcionando em precárias condições no município. Durante o encontro com o prefeito, as mães denunciaram que as creches estão sendo transformadas num "depósito de crianças".

Metalúrgicos baianos vão renovar Sindicato

No último dia 10 cerca de 200 metalúrgicos baianos, representando 27 fábricas, participaram da convenção que escolheu a chapa de oposição ao pelego, Manoel dos Santos, que se encontra há 18 anos no Sindicato. A eleição para o Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia se dará nos dias 1º, 2 e 3 de novembro e a chapa 2, "João Passos", é a favorita.

O descontentamento da categoria com o representante patronal Manoel Santos ficou evidenciado pela representatividade da convenção da Chapa 2. Há muito que o Sindicato não reunia sequer 200 operários nas assembleias das campanhas salariais, tal era o trabalho de traição e desmobilização do pelego e sua falta de crédito diante dos metalúrgicos. Já a chapa de oposição, João Passos, conseguiu superar este índice na convenção e tem conseguido o apoio nas portas de fábrica.

Foi aprovada por unanimidade na convenção uma plataforma que diz: "a luta e a organização dos trabalhadores começa a avançar. E agora é a vez dos metalúrgicos da Bahia arrancarem os defensores dos patrões do nosso Sindicato". A chapa compromete-se a lutar por

reajustes trimestrais; negociação direta com o patronato sem interferência do Ministério do Trabalho; salário igual para a mulher e o menor; pelo direito de greve; pelo fim do arrocho salarial e político aos trabalhadores; etc.

Também foi definida a composição da executiva da chapa que disputará as eleições. Duas chapas concorreram democraticamente, ganhando a encabeçada por José Costa, José Carlos e Renildo. A euforia e o espírito unitário, após a votação, foram grandes. Saturno, metalúrgico de Feira de Santana, disse incisivo: "Vai acabar o monopólio de 18 anos do Manoel. Não é justo que o Sindicato que representa a classe, esteja nas mãos de incompetentes que não nos deixam ter acesso aos nossos direitos".

PELEGO NADA FEZ

Ao final da convenção a Tribuna entrevistou os encabeçadores da chapa. Para Renildo, secretário geral da chapa, "a convenção configurou-se num grande acontecimento do movimento sindical baiano. Selou a derrota dos pelegos que estão incrustados no Sindicato. A preocupação de abrir a porta da nossa entidade a participação ampla de todos ficou comprovada com a convenção, que aprovou nossa plataforma de reivindicações e as bandeiras de reorganização do Sindicato com delegacias sindicais ativas e a realização de vigorosa campanha de sindicalização.

Já o combativo José Costa, presidente da chapa, comentou: "O Manoel goza do repúdio generalizado dentro da categoria, porque nada tem feito pela nossa luta. Pelo contrário, tem se posicionado ao lado dos patrões. Fazemos um apelo a todos os metalúrgicos no sentido de engrossar as fileiras da Chapa 2". (da sucursal)



José Costa encabeça a chapa de oposição ao pelego.



José Freitas, presidente da Chapa 2, está confiante na vitória.

"Pelegos davam tapinhas nas costas dos patrões gaúchos"

"É a primeira vez que participo de uma reunião dentro do nosso Sindicato. Só vinha aqui para assinar rescisão de contrato. Desconfiado, sempre ficava do lado de fora, enquanto os patrões da firma entravam e recebiam tapinhas nas costas dos pelegos". Sebastião, operário de uma pequena empresa, foi muito aplaudido ao dizer estas palavras no lançamento da Chapa 2 no Sindicato dos Metalúrgicos. Cerca de 400 pessoas compareceram ao ato, na maioria metalúrgicos, seus familiares e representantes de entidades populares e dos partidos políticos de oposição.

As eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre serão de 6 a 10 de dezembro. E pela primeira vez os 45 mil operários de Porto Alegre e região terão condições de votar numa chapa de oposição. Há 15 anos a entidade é controlada pelo imobilista e traidor Adão.

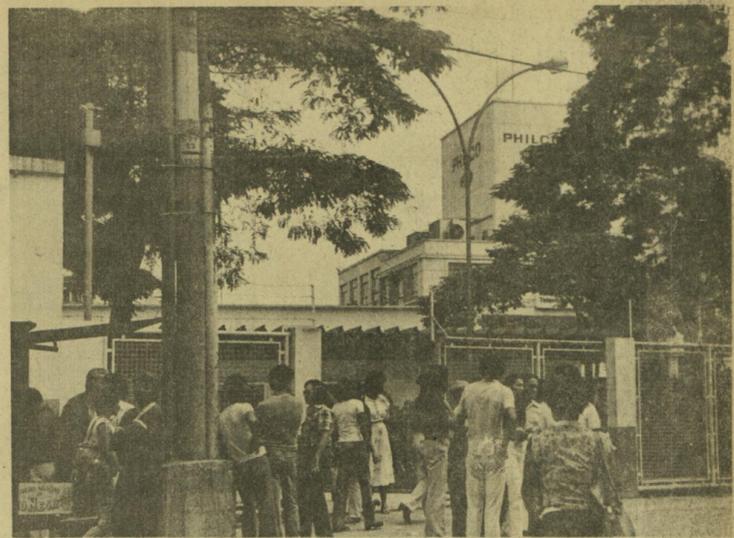
Nos dois últimos anos uma grande onda de demissões atingiu a classe. Só na maior empresa do setor, a Zivi-Hércules, cerca de 2.500 operários foram postos na rua. Neste período também aumentou o ritmo de produção e as empresas cortaram o café e a condução que forneciam gratuitamente. Frente a esta ofensiva patronal a diretoria atual do Sindicato nada fez, colocando-se ao lado dos patrões.

LÍDERES NAS FÁBRICAS

A Tribuna conversou com o destacado sindicalista José Freitas, que encabeça a chapa de oposição. Para Freitas "a tirada de uma chapa única se deu graças aos companheiros das fábricas, que exigiram uma só chapa para derrotar o pelego. Concluímos também que não são as opiniões diferentes que existem entre alguns companheiros que impedem a maior participação da categoria na sua entidade. Mas sim a atuação falha da atual diretoria. Também teve papel de destaque a posição de dois companheiros da chapa, o Nildo Domingues e o Flávio Barbosa, que trabalham na maior empresa do setor e têm grande prestígio na categoria. Eles falaram desde o início do processo que se saíssem duas chapas de oposição não apoiariam nenhuma".

Freitas está bastante confiante na vitória da oposição. Baseia-se no fato de que "desde a retomada das lutas, em 1978, a categoria reconhece em vários companheiros da chapa suas principais lideranças. Além da atuação destacada na comissão de salários, lideraram a mobilização nos seus locais de trabalho. A escolha da chapa foi democrática, com mais de 150 companheiros. E a aceitação nas fábricas é excelente".

(da sucursal)



Na maior metalúrgica do setor, a Philco, a mobilização ainda é pequena.

Campanha salarial na fase decisiva

A campanha salarial dos 380 mil metalúrgicos da capital paulista entra na reta final. A assembleia do próximo dia 15 será o termômetro do grau de mobilização da categoria para conquistar suas reivindicações. Apesar da assembleia ter sido mal marcada — há apenas 15 dias da data base e após um longo feriado — a presença promete ser boa.

A diretoria do Sindicato recebeu duras críticas pela data da assembleia. Para Antônio Duarte, um dos 33 membros da comissão de salário, "a impressão que deu é que quiseram puxar as rédeas da campanha. Com as greves contra o facção e a primeira assembleia com 4 mil operários, a luta estava crescendo. Mas jogaram água fria".

A comissão de salários, composta na maioria por operários destacados nas recentes greves, também critica a forma tímida como a campanha se desenvolve. E para superá-la tem assumido mais seu comando, ocupando espaço no Sindicato e indo diariamente às portas das fábricas. Sob sua pressão serão impressos cartazes e adesivos para as próximas assembleias; serão feitas amplas reuniões nos setores entre as assembleias gerais; e vários atos públicos foram marcados para animar a campanha.

Tanto na comissão como nas reuniões de setor ganha força a idéia da greve para dobrar a intransigência patronal (ver box). E há consenso que são indispensáveis grandes assembleias. Os membros da comissão também estranham a atitude de certos ativistas da chamada "Oposição Sindical", que abandonaram a campanha salarial. Um operário da Metal Leve comenta: "Esse pessoal só sabe fazer críticas ao pelego, mas não vem trabalhar no Sindicato, não ajuda em nada na convocação. Nós queremos as sub-sedes e as assembleias regionais. Conquistamos. Agora é ocupar este espaço e trabalhar. Mas exatamente na hora da onça beber água este pessoal desaparece".

LUTA NAS FÁBRICAS

No interior das maiores fábricas do setor há um desnível na mobilização, com algumas bastante envolvidas na campanha salarial e outras que nem sequer participam das reuniões de setor.

Na Metal Leve, com 2.500 operários, toda fábrica está mobilizada graças à luta por melhorias específicas. Há tempo que os operários exigem um melhor atendimento médico e como forma de pressão foi feita uma pesquisa, onde 95,7% dos empregados criticaram o convênio com o Hospital da Zona Sul. Também fizeram uma coleta de 101 mil cruzeiros para ajudar o faxineiro Nelson Vieira, que ficou seis meses de muleta por culpa do Hospital. Toda esta movimentação uniu os operários e desmascarou a empresa, que tenta passar por "mãe dos trabalhadores".

Outra firma que deu um salto no nível de mobilização foi a Sofunge, com dois mil operários. Em amplas manifestações eles conquistaram a estabilidade até 31 de novembro, o que deu ânimo para a luta salarial. Em conjunto com a Mafersa — uma das fábricas mais mobilizadas de São Paulo — a Sofunge tem ajudado a convocar as outras empresas do setor, fazendo comícios, colagens de cartazes e distribuindo folhetos.

A Ford é outro destaque da campanha. Com sua comissão de fábrica legalizada (veja TO nº 90), são comuns reuniões com 300 operários. A comissão destacou 40 operários para convocar as fábricas vizinhas e decidiu ir em caravana às negociações com a Fiesp — órgão dos patrões.

Já na Philco, a maior empresa do setor, com 6 mil metalúrgicos, quase não se discute a luta salarial. Vários fatores explicam a pequena participação: demissões em massa; 90% dos operários são mulheres, que sofrem uma opressão especialmente forte; a falta de organização interna; e a dura repressão. Por outro lado o Sindicato não conseguiu

giado a mobilização na fábrica, onde só um comício foi feito.

(Altamiro Borges)



Socorro: cara-a-cara com os patrões.

Patrão arrogante nas negociações

"Na mesa de negociações os patrões usam palavras floreadas, como se fossem dicionários, só para nos dizer não. São mil e um artifícios para negar as nossas reivindicações. Também gostam de ironizar, dar rizadinhas das nossas exigências, como se dissessem: 'vocês estão ficando loucos'. E são frios no tratamento dos nossos problemas, não ligam nem um pouco para a vida miserável dos trabalhadores. Só querem saber dos seus lucros e por isso são arrogantes".

Este é o depoimento de Maria do Socorro, metalúrgica da Motores Brasil e um dos cinco operários eleitos para comissão de negociação. Ela participou de três reuniões com os representantes da Fiesp e o que viu foi a total intransigência dos patrões. "Quando a gente está cara-a-cara com os patrões é que verifica como eles são sábidos para nos explorar. Eles acompanham toda a nossa mobilização e, sabendo que ela ainda é pequena, desprezam nossas exigências. Um deles chegou a dizer que só tinha 4 mil operários na assembleia, o que não era suficiente para nós exigirmos o aumento de 15% acima do INPC e a estabilidade no emprego. A gente sentiu também que eles têm muito medo de legalizar as comissões de fábrica, temem a nossa organização no interior da empresa".

TROCA INJUSTA

Já Antônio Duarte, da comissão de fábrica da Mafersa e membro da comissão de negociação, denuncia que os patrões sugeriram trocar o reajuste de salário por uma estabilidade provisória, "talvez de três meses". Esta polêmica já havia se estabelecido na campanha salarial do ano passado, quando a própria diretoria do sindicato fez esta proposta indecorosa. Foi rechaçada na assembleia. "Nós não podemos cair nesta cilada. Não podemos desligar a estabilidade do salário. Não adianta trabalhar passando fome. Queremos estar seguros no emprego, mas com salários justos. E essa promessa de estabilidade é falsa, porque é só não ter trabalho que eles arrumam uma desculpa para nos por no olho da rua. O que eles querem mesmo é jogar o peso da crise econômica nas nossas costas e continuar a ter seus altos



Cena comum nas greves dos canavieiros: capangas armados

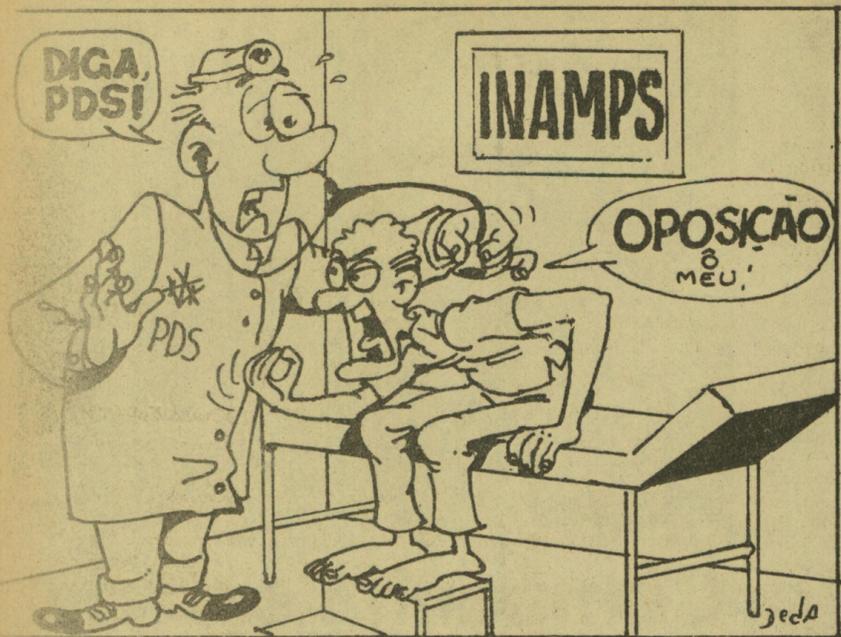
Greve dos canavieiros venceu

Terminou vitoriosa a greve dos 30 mil cortadores de cana-de-açúcar do Rio Grande do Norte. A greve começou no dia 3 de outubro e durou cinco dias e cerca de 90% dos canavieiros aderiram ao movimento, apesar da violência dos usineiros. Esta foi a primeira vez que os canavieiros potiguares fizeram um dissídio coletivo.

Os cortadores de cana conseguiram um piso salarial de Cr\$ 21.200,00; estabilidade de 60 dias às trabalhadoras gestantes, após a licença prevista na CLT; proibição de contratação por meio de empreiteiros ("gatos"); "lei do sítio" — que é a concessão de dois hectares, em cada propriedade, para os trabalhado-

res rurais plantarem alimentos; e outras garantias salariais.

Os proprietários rurais utilizaram capangas armados e a política para reprimir os grevistas. Até funcionários da Federação dos Trabalhadores Rurais do Rio Grande do Norte (Fetarn) foram presos e ameaçados. Na fazenda Prata, no município de Goianinha, a 60 quilômetros de Natal, capangas armados de rifles cercaram um carro do sindicato, revistaram os funcionários e tomaram-lhes um megafone. Em Ceará-Mirim o filho de um fazendeiro agrediu um advogado da Fetarn e depois amassou inteiramente o seu carro com uma colhedeira mecânica.



INAMPS cobra de quem não defende o PDS

Sou um simples operário de uma empresa que atua na área de produtos alimentícios em Votuporanga, São Paulo. Sendo eu contribuidor do INPS precisei há poucos dias atrás fazer uma cirurgia das amígdalas em meu filho. Para tanto levei-o ao médico que atende pelo INAMPS e o mesmo marcou a cirurgia mas disse que iria cobrar de mim a importância de 30 mil cruzeiros de diferença.

Eu disse que não tinha condições de pagar isso mas o médico não abriu mão. Eu então procurei um outro médico do INAMPS que por coincidência é candidato a vereador pelo PDS, para que eu recebesse dele uma ajudinha no sentido de não pagar nada, já que ele é político e também é chefe do INAMPS de Votuporanga.

Logo que eu conversei com o doutor, ele disse que não

podia fazer nada pois sou eleitor da oposição e que se eu fosse eleitor do PDS então ele iria quebrar o galho. Ora, isso não é justo, só porque sou eleitor do PMDB tenho que arcar com a diferença? Isso não está certo. Por que dois pesos e duas medidas? Pelo que se vê aí, é uma verdadeira pouca vergonha no INAMPS de Votuporanga. W.B.H. - Votuporanga, São Paulo)

Operários campineiros apoiam Aurélio Peres

Nos dias 17 e 18 de setembro, estiveram em Campinas os candidatos a deputado federal Aurélio Peres, e Benedito Guerra, estadual, que, juntamente com Flávio Costa e Wilson Alves, ambos candidatos operários a vereador em Campinas, visitaram as fábricas da região.

Na ida às portas de fábrica (Mercedes, Bendix, Bosch, etc.), os candidatos do PMDB conversaram com muitos operários e deles receberam apoio, porque o

programa dos candidatos vai de encontro aos anseios da classe operária e de todo o povo explorado por esse governo.

Uma grande preocupação dos metalúrgicos de Campinas é com a atual situação do Sindicato, onde existe uma diretoria pelega, cujo presidente licenciado, Cid, é candidato a prefeito pelo partido do governo, o PDS!

Aurélio falou aos operários sobre a importância de sua organização dentro das em-

presas, de forma unificada, em comissões de fábrica, para fortalecer sua união nas lutas específicas e gerais e fazer com que a direção do sindicato se torne combativa e defenda seus interesses.

Por esses e muitos outros motivos os operários votaram no PMDB, o partido que tem condições de derrotar o PDS, elegendo os candidatos operários e populares que têm compromissos de luta.

(Um operário de Campinas, São Paulo)



Peão leva a melhor quando tem a união

J.G.L., vigilante recém-despedido da Nordeste Terminals, em Candeias, luta por suas horas extras. O patrão quer ludibriá-lo, mas ele se mantém firme. Entrevistei J.G.L., e ele me fez várias denúncias:

Quais as denúncias mais importantes que você faz? J.G.L.: Eu trabalhava em turno de 16 horas e só recebia 8. Além de vigilante, me obrigavam a ficar com o carro da empresa para transportar meus colegas todos os dias, antes de pegar o tra-

balho. Isso pra não empregarem mais um motorista. Não davam alimentação. Tivemos que conquistá-la no peito. E hoje parece que a alimentação foi cortada de novo.

E quanto ao funcionalismo irregular da firma?

J.G.L.: Ah, eles não refrigeram os tanques cheios de substâncias inflamáveis. Armazenaram, uma vez, ácido sulfúrico em tanques inadequados, danificando-os.

Como foi mesmo a tentativa de ludibriá-lo?

J.G.L.: No prazo em que a empresa podia recorrer judicialmente, o gerente foi na minha casa e tentou negociar Cr\$ 40 mil, em vez dos Cr\$ 200 mil que eu tinha direito em horas extras. Dei um esculacho nele.

Apreendeu algo dessa luta, da qual você saiu vitorioso?

J.G.L.: Apreendi que quando o peão tem determinação na luta por aquilo que tem direito, leva a melhor. É uma lição para todos nós.

(Um colaborador de Candeias, Bahia)

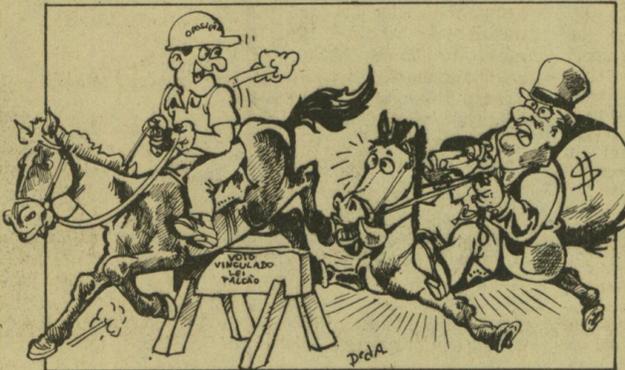
Motorista de táxi quer segurança no trabalho

Motoristas de taxi da Zona Leste estão trabalhando com medo devido aos constantes assaltos e assassinatos de que são vítimas. Um exemplo da nossa insegurança, foi o acontecido com um colega nosso na madrugada do dia 7 para 8 de outubro. O motorista de táxi foi vítima de um assalto e solicitou uma viatura policial para perseguir o assaltante. A resposta dos policiais foi dizer que eles não podiam fazer nada porque a viatura encontrava-se com dois pneus dianteiros furados e carecas, inclusive um com a lona à vista. O profissional do volante foi quem os socorreu!

Os motoristas da Zona Leste prometem fazer uma passeata gigante pedindo às autoridades competentes

maiores garantias no seu trabalho, pois além de encontrarem-se bastante sacrificados com os constantes aumentos do petróleo, seus familiares perdem a tranquilidade quando eles saem para trabalhar, com receio dos assaltos.

Um motorista revoltado perguntava o que as autoridades estão fazendo com o dinheiro dos nossos impostos e taxas. Um outro também insatisfeito com a situação dizia que o dinheiro tem sim, mas é somente para fazer propaganda com cartazes caríssimos de candidatos do PDS. Finalizando o motorista dizia: "Queremos segurança para trabalhar dignamente a fim de que possamos sustentar nossos familiares. (Um trabalhador da Zona Leste de São Paulo, SP)



Prefeito é tão corrupto que responde processo!

Aqui em Cabaceiras, na Paraíba, o grau de corrupção da prefeitura do PDS atingiu um alto nível, que levou até o governo da Paraíba, que é do PDS, a obrigar o prefeito Edson Cavalcanti de Farias a renunciar para tentar diminuir o escândalo e tentar melhorar a imagem de corrupção que o PDS atingiu.

Mas nem as pressões governamentais impediram que o Tribunal de Contas do Estado abrisse um processo contra o ex-prefeito Edson, que mesmo assim continua participando da campanha do PDS na cidade.

Na Paraíba o candidato a governador pelo PMDB, Antônio Mariz, já está com a vitória garantida. Enquanto isso, o candidato do PDS, Wilson Braga, tenta desesperadamente comprar os votos livres e independentes do povo paraibano, que não está dando colher de chá aos candidatos do PDS, que por mais de uma vez correram com as vaías do povo.

(R.M. - Guarabira, Paraíba)

Povo paraibano luta pela vitória do PMDB

Agora o povo inventou mais uma, tirada da sigla do maior partido de oposição do país. É isto mesmo: PMDB na Paraíba não está significando só Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Tem mais: Parabéns Mariz Derrotaste Braga.

(R.M. - Guarabira, Paraíba)

Moradores de Viçosa fundam sua associação viçosa

No dia 19 de junho foi fundada a Associação Popular dos Moradores de São José do Triunfo, com o objetivo de defender os direitos dos moradores da cidade, desenvolver atividades culturais e recreativas e prestar assistência e orientação aos moradores.

No início houve dificuldades para fazer as reuniões de formação da entidade. Mas depois, quando comemos a trabalhar para comprar lote para a construção de um posto de saúde, houve um grande progresso, e já adquirimos o lote. Em tudo houve a participação de um grande número de estudantes do Programa Gilberto

Melo da Universidade Federal de Viçosa.

Estamos no momento conscientizando a comunidade sobre o seu papel junto à Associação, convergindo todos os esforços para alcançar os objetivos almejados. Visamos, atualmente, dois objetivos, extensão de série no colégio local e posto de saúde.

Estamos, no momento, adquirindo um grande mural, com o objetivo de divulgar a Associação e também todos aqueles que estão colaborando na aquisição do mesmo, como clubes de futebol, etc. (P.C.L.S., Viçosa, Minas Gerais)

Funcionário bom é contra PDS

Sou funcionário público federal, fazendo parte desse grande setor de membros da sociedade brasileira tão injustiçado. Sou funcionário ativo, faço uma apelo ao funcionalismo público federal e autárquico, ativo e inativo, até a classe média, para não votar nos candidatos do PDS, pois o governo Figueiredo foi o maior algoz do funcionalismo público através de seu ministro do Planejamento, o sinistro Delfin Neto.

Vai chegar o dia 15 de novembro e o funcionalismo deve dar a resposta a esse governo que tanto nos tem massacrado: não temos o reajuste semestral, o funcionário estatutário não tem 13º salário, o PAESP a partir de 1981 foi parcelado, os nossos vencimentos passaram para o fim do

mês quando recebíamos nos dias 21 e 22 e algumas repartições pagavam antes do dia 20; o nosso aumento anual é parcelado em 2 vezes.

Toda vez que o 13º vai ser votado os deputados do PDS se retiram para não dar quorum. O diretor do DASP tem boa vontade em fazer algo pelo funcionalismo, mas não tem apoio. Os órgãos de classe dos funcionários são frácos, inoperantes, e vivem bajulando o governo. Temos que votar contra o PDS para ver se essa situação muda. E os que vencerem devem lembrar que muito devem dessa vitória aos funcionários e fazer leis em benefício do funcionalismo. O funcionário público que votar no PDS não tem vergonha e merece o que está sofrendo. (A. S. de M. Marambaio)



fala o POVO

Altam apenas quatro semanas para as eleições. Através das cartas que recebemos, o povo parece decidido a dar um basta neste governo de fome e exploração, votando maciçamente na oposição, derrotando o PDS nas urnas. Continue escrevendo, amigo leitor! Contribua para desmascarar todos os candidatos que defendem o atual estado de coisas, querendo preservar os privilégios de uma pequena minoria. Vamos lá! (Olivia Rangel)

Lucia, um pouco de você continua em todos nós

Hoje o dia está nublado Com vontade de chover Talvez também chover as lágrimas De quanto difícil é te perder.

No momento que estamos mais necessitados da sua coragem e companheirismo, camarada, é duro ver a morte tão injusta tirar você do caminho da nossa estrada, sem poder ver nem o começo da liberdade que seria o fim do regime militar.

Sei que seu sonho maior seria um mundo onde fôssemos todos iguais. Talvez, companheira, o seu sonho foi tão profundo que te foi tirado o direito de ver daqui esse sonho realizado.

Lúcia, você foi exemplo de coragem, amor e companheirismo. Enfrentou cara a cara a maldita doença não deixando transparecer seu sofrimento, para que seus amigos não desanimassem de lutar por uma vida melhor. Você vai hoje para sempre. Mas não vai toda. Porque sempre fica um pouco dentro de nós, principalmente dos jovens que às vezes por pouca coisa se irritam e desanimam. É com eles que você deve continuar. Sua companheira Diva. (São Paulo, SP)

Canto à liberdade

De punhos fechados ao vento carregando no peito o símbolo vermelho da foice e do martelo sim camarada no semblante do operário da dona-de-casa seu canto forte espalha-se no ar. Silenciam tuas palavras. Mas nas fábricas onde derramaste o suor proletário de teu ser, sim camarada, permaneço aceso o canto pela liberdade!

(Uma operária, São Paulo-SP)

Querem arrancar a flor enxertada cedo em nosso solo

Letra de música dedicada a Javier Alfaya, ex-presidente da UNE, que está ameaçado de ser expulso do país sob alegação de que violou a lei dos estrangeiros fazendo política. Javier nasceu na Espanha mas vive no Brasil desde os seis anos de idade. E defende os interesses do povo brasileiro.

A flor enxertada no nosso chão querem arrancá-la do solo seu do chão que a nutriu do sol que a aqueceu. Querem desterrá-la qual verme sem destino. Porém quando esmagada exala mais perfume. Verdadeira é a flor e fala do andar por povo que abaixo do peso dos culpados não entende a sua dor. Ela fala alto revirando a falagem.

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Hegemonia do proletariado

A classe operária é a única força em condições de conduzir de forma consequente a revolução até a vitória do socialismo. É a classe que se desenvolve continuamente com o crescimento do capitalismo. E de sua atividade produtiva depende a vida da sociedade atual. De sua luta contra o poder burguês depende a solução da contradição entre a produção social e a apropriação privada dos frutos do trabalho.

CLASSE DE VANGUARDA

Mas para que a classe operária se converta de fato em direção da revolução são essenciais duas condições. Em primeiro lugar que o proletariado adquira consciência de classe, que compreenda a sua tarefa de liquidar o capitalismo e construir o socialismo — e que se organize em torno de seu partido de vanguarda. Ou seja, que tome consciência de sua missão histórica e que organize o seu Estado Maior revolucionário para dirigir a revolução.

Em segundo lugar, é indispensável que os operários aglutinem o máximo de forças para o combate. Apenas a classe operária, isolada, não tem como vencer o poder burguês, que controla todas as riquezas, os meios de comunicação, as armas, os conhecimentos científicos. Para passar à revolução, o proletariado através de seu Partido marxista leninista precisa encontrar as palavras de ordem imediatas que mobilizem as amplas massas trabalhadoras e que tragam também para a luta contra o regime dominante o máximo de aliados. E encontrar as formas concretas de organizar estas forças e os meios adequados para lutar em cada batalha.

DIREÇÃO NA LUTA

Hoje, no Brasil, a classe operária já tem uma certa experiência de luta e numericamente se desenvolveu muito. Grande parte da mão de obra está concentrada em empresas com mais de mil operários, o que facilita as condições para se organizar e lutar contra os poderosos donos do poder e do capital. No campo também já se formou uma gama significativa de assalariados agrícolas e de semiproletários. Estes trabalhadores da indústria e do campo, com suas famílias, já forma a maioria da população brasileira, o que facilita a direção da classe operária na revolução e aproxima ainda mais a revolução democrática da socialista.

Mas a classe operária não pode exercer a sua direção sem luta. A pequena burguesia radical e setores da burguesia também se jogam na luta contra o sistema de poder atual — e procuram ganhar as massas para as suas posições. A pequena burguesia, por não ter um projeto próprio, uma vez que é uma camada intermediária, não tem como lutar de forma consequente contra a burguesia. Tenta alcançar melhorias, reformar o capitalismo. E como não tem visão histórica, lança-se em aventuras para alcançar o máximo de reivindicações de uma só vez e por rapidamente um fim à luta revolucionária. Acaba cedendo o poder à burguesia.

A burguesia nacional, até certo ponto, se opõe à dominação imperialista do país. Mas para livrar o país desta dependência é necessário lutar contra o próprio sistema capitalista e a favor do socialismo, o que ela evidentemente não pode e não quer realizar. Procura por isto conduzir a revolução para o caminho da conciliação e dos compromissos.

NÚCLEO DA REVOLUÇÃO

A classe operária, junto aos assalariados do campo e o semi proletariado, unindo-se ao conjunto da classe camponesa pode constituir um forte núcleo da revolução. Pode com isto arrastar para a luta os mais amplos setores, mesmo as camadas inconsequentes e vacilantes, e ao mesmo tempo conduzir com firmeza a luta revolucionária. A seguir, independência nacional e luta revolucionária.

Uma coletânea de artigos de Diógenes Arruda sobre a estrutura do partido leninista e formação de revolucionários. Pedidos à Editora Anita Garibaldi, Trav. Brig. Luiz Antonio, 53, São Paulo, SP, CEP 01318.

Diógenes Arruda
A EDUCAÇÃO REVOLUCIONÁRIA DO COMUNISTA

Cr\$ 200,00

EDITORA ANITA GARIBALDI

Um operário das capas de disco

Elifas Andreato comemora este mês dez anos de capa de discos — em que foi responsável por uma verdadeira revolução gráfica no setor. A *Tribuna Operária* conversou com este artista especial, que começou a vida como operário e até hoje trabalha um pouco como um operário das artes gráficas — produzindo uma obra imensamente mais conhecida que o seu autor.

Elifas começou a trabalhar aos oito anos de idade e aos 14, vindo do Paraná, entrou como aprendiz de torneiro mecânico numa fábrica — onde começou a desenhar com cartazes de prevenção de acidentes e decorações para o salão de festas. Em 1967 entrou na Editora Abril, e conta: "Foi lá a minha grande escola, porque lá eu fiz quase de tudo".

Capas e ilustrações para revistas, discos, livros, fascículos, cartazes, cenários para shows, cartões de Natal e até capas de cadernos escolares — a arte de Elifas é sempre feita para ser reproduzida aos milhares. Ele acha isso importante, "enquanto serve para levar uma idéia para muita gente", mas acha "a arte gráfica ainda muito limitada no Brasil".

"NUNCA ESTUDEI DESENHO"

Suas primeiras capas de disco foram em outubro de 1972, para "Nervos de Aço", de Paulinho da Viola, e "Batuque na Cozinha", de Martinho da Vila. De lá para cá, passou a fazer as capas também de Chico Buarque, Clara Nunes, João Nogueira, Beth Carvalho, Elis Regina, Rolando Boldrin...

"Eu nunca estudei desenho — conta Elifas — e então tinha que encontrar a minha forma. Então saiu uma arte mais direta". No começo, ele sofreu influência da arte gráfica em moda na época, calcada num modelo americano, muito limpa, com cores chapadas. "Depois — conta Elifas — em vez de certa forma importar estes modelos eu tentei encontrar a minha arte. E isto é uma linguagem, é como falar, cada um tem o seu jeito. Hoje, eu me sinto correspondido. Acho que do ponto de vista técnico eu resolvi".

COMO SE FAZ UMA CAPA

E como se faz uma capa de disco?

"Você ouve o disco, conversa com o autor, e vê que quase sempre ele não tem idéia da capa, tem só uma idéia do disco, e nem sempre é a idéia certa. O meu trabalho é traduzir aquelas músicas para a minha linguagem. Ai eu convivo com o autor um tempo, e isso é muito importante. Ouço o que ele pensa, fora da gravadora, até entender a linguagem dele. Eu gosto de conviver com o caldeirão que gerou aquela coisa, aquela música. Não é uma relação profissional. Profissional é a relação com a gravadora, que me paga. Com o autor é uma relação de amizade de trabalho".

Elifas mostra então algumas das suas últimas capas: a do próximo disco de Chico, a ser lançado em toda a América Latina, e que mostra um pedaço de pão, "um símbolo que desse a idéia da unidade das coisas latino-americanas"; a do "Verso e Reverso", de Martinho da Vila, que mostra, um lado, alegre e outro pobre, um fósforo aceso na capa e con-



Elifas na sua mesa de trabalho e a capa do disco de Boldrin, "uma homenagem a um artista que pintou as coisas do povo".

sumido na contracapa; a do "Caipira", de Boldrin, "uma homenagem ao artista Almeida Júnior, que pintou as coisas do povo brasileiro". É evidente que estamos falando com alguém apaixonado pelo seu trabalho: "De repente, você



As capas de outubro de 1972, que iniciaram uma longa série e começaram uma revolução.

faz um trabalho de machetaria, que leva 15 dias só para aprender a técnica, para fazer uma capa do Paulinho da Viola. A gravadora chia, paga como se fosse um desenho, é aquela indústria, não consegue ver a importância de abrir uma frente nova dessas. Mas é um trabalho que compensa".



Cartola, de novo entre nós

No dia 11 de outubro, se estivesse vivo, o mestre Cartola faria 74 anos. O compositor de "As Rosas Não Falam", "O Mundo é um Moínho" e "Tive Sim" morreu em 1980 e deixou uma obra que o povo brasileiro para sempre há de admirar.

Angenor de Oliveira ou Cartola, que antes de morrer deu uma entrevista para o programa "Inéditos da FM — Eldorado", e que há quatro meses foi editado em disco, é um documento histórico que os pesquisadores e ouvintes da canção brasileira precisam urgentemente conhecer. Cartola, neste elepê, bate-papos e intercala oito músicas interpretando-as ao acompanhamento do seu violão e de sua voz já baqueada pelos dissabores de uma vida difícil.

Abre o lado A, falando a data e o lugar de seu nascimento e começa a cantar três composições de sua autoria: "Que sejas bem-vindo Autonomia Acontece", além de "Senões", de parceria com Nuno Veloso. Dá umas dicas sobre seus primeiros intérpretes: Chico Alves, Mário Reis, Carmem Miranda, Gilberto Alves, Elizabeth Cardoso e Sílvio Caldas. Fala que seus primeiros fregueses — compradores — de sambas foram Chico Alves e Mário Reis.

Desemboça no lado B, cantando como surgiram o nome e as cores — verde e rosa — da escola de samba Estação Primeira de Mangueira. Lembra os parceiros antigos, novos e os mais fre-



Cartola com seu inseparável amigo e companheiro de todas as horas: o violão.

quentes, e continua cantando músicas inéditas na época, como "O Inverno do meu Tempo", de parceria com Roberto Nascimento, "Que sejas bem feliz", "Dê-me graças, senhora", com Cláudio Jorge e "Quem me vê sorrindo", com Carlos Cachaça.

DISSABORES DO SAMBISTA

Aproveita e conta uma das muitas sacanagens que os perversos produtores lhe enfiaram guela abaixo. Em 1941, o maestro Villa-Lobos subiu o morro de Mangueira e convidou-o para fazer uma

gravação num navio que estava no cais do Rio de Janeiro. Disse-lhe que a bordo tinha um americano, o maestro Leopoldo Stokowsky, que pretendia recolher músicas brasileiras para editar um álbum nos Estados Unidos. Cartola foi e registrou o samba "Quem me vê sorrindo". Deram-lhe uma bagatela qualquer e só muito tempo depois é que Lúcio Rangel, na terra dos "yanques", ouviu o samba e comprou-o para que Cartola pudesse ouvir sua composição.

PRIMEIRO DISCO AOS 65 ANOS

Aos 38 anos a meningite esbarrou em Cartola. Impossibilitado de continuar trabalhando com o pedreiro, foi lavar carro em Copacabana até cruzar com o escritor Sérgio Porto — Stanislaw Ponte Preta — na porta de um boteco. E Sérgio lhe arranhou um emprego menos ingrato.

Estas são algumas das peripécias registradas no elepê "Cartola — documento inédito" lançado pela Eldorado. E coincidência ou não, a Abril também lançou recentemente um disco do legendário compositor.

Cartola gravou seu primeiro elepê aos 65 anos, em 1974. Quando morreu, tinha acabado de gravar o quarto. Mas nunca deixou-se abalar pelo descaso das autoridades com a cultura popular (Rogério S. de Souza)

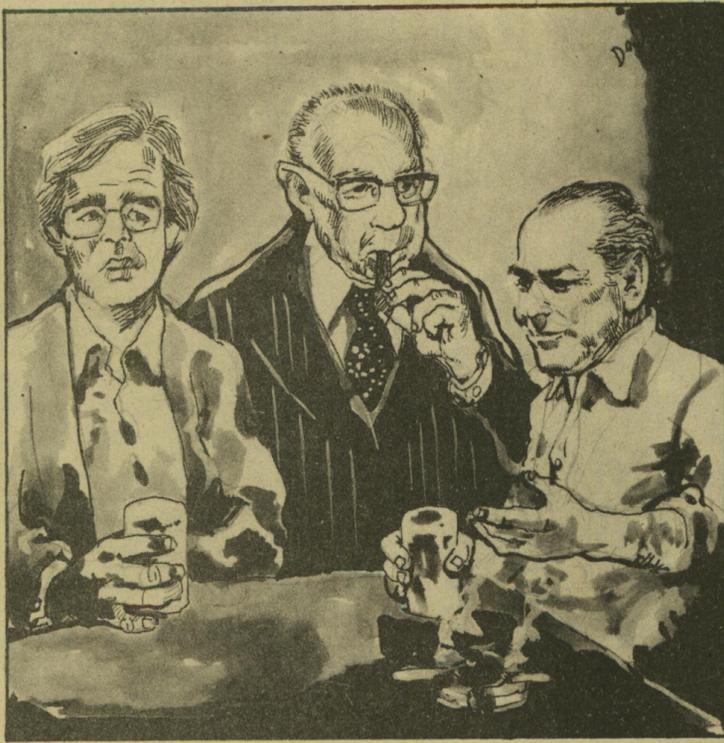


Angenor na Estação Primeira de Mangueira, que ele ajudou a tornar legendaria.

CDM
Centro de Documentação e Informação
Fundação Maurício Grabois

O "caso" Secreto de Brizola com Leitão

Existiu mesmo o encontro ultra-secreto entre Leonel Brizola, o ministro-chefe da Casa Civil da ditadura militar, Leitão de Abreu, e o candidato do PDS ao governo do Estado do Rio. O fato ajuda a esclarecer o quadro eleitoral carioca, um dos mais complexos do país, e que se tornou o ponto nevrálgico da estratégia do governo para as eleições de 15 de novembro — e para a sucessão presidencial em 1985.



"Há muito tempo que circulavam os boatos sobre este conchavo clandestino entre Brizola, Moreira e Leitão. E aconteceu de fato, na madrugada do dia 20 de agosto, no apartamento 2612 no Rio Othon Palace Hotel, em Copacabana, ocupado pelo ministro Leitão de Abreu.

Clandestinos mas com o rabo de fora

Aos vinte minutos Moreira Franco subiu pelo elevador número 1, trajando um terno azul, sem gravata. Aos 55 minutos subiu Leonel Brizola, pelo mesmo elevador, vestindo calça escura e camisa clara de mangas arregaçadas. O encontro durou uma hora e meia. Moreira Franco saiu às 2.30 horas: 15 minutos depois escapuliu Brizola, acompanhado de duas outras pessoas. E ainda comprimentou na saída o porteiro da noite.

Depois deste encontro todos os meios de comunicação controlados pelo governo abriram suas portas para Brizola. E o próprio Brizola declarou repetidas vezes, em debates e entrevistas, que suas relações com os militares oscilavam entre o amor e o ódio, mas estavam entrando agora numa fase de amor.

Enquanto isto, elementos da repressão fascista e notórios torturadores, que sempre atacaram as manifestações democráticas no centro da cidade e atiravam pó de mico nas manifestações estudantis, passaram a se infiltrar no PDT para promover arruaças e depredações contra os comícios do PMDB. Os responsáveis pela Tribuna Operária

no Rio de Janeiro pegaram em flagrante na Cinelândia, de chapéu de Brizola na cabeça e provocando candidatos pemedebistas, um dos agentes da Polícia Federal que cercavam a sucursal do jornal para apreender a Revista do Araguaia em julho. Ao sentir que fora reconhecido, o agente saiu rapidamente do local.

O Rio se tornou peça-chave na desesperada tentativa do governo de evitar uma derrota esmagadora do PDS nas eleições de 15 de novembro. Um vitória governista num centro político importante como o Rio, neutralizaria em grande parte o fracasso já quase certo nos outros Estados de maior destaque. Isto jogaria um papel decisivo também na disputa da sucessão presidencial em 1985. E Brizola se adapta perfeitamente a este plano para engambelar o eleitorado tradicionalmente mais oposicionista do país.

Armadilha para a oposição no Rio

O regime montou uma arapuca inteligente, devida em três etapas. Primeiro jogou força na candidatura de Sandra Cavalcanti pelo PTB, para desestabilizar a candidatura do PMDB sem permitir a polarização com o PDS. Depois tirou o tapete de Sandra e passou a incentivar a candidatura de Brizola, para dividir a oposição e desgastar a candidatura de Miro Teixeira. E agora, na reta final, ele já começa a tirar o apoio a Brizola, como fez antes com Sandra. Mas para evitar um novo crescimento de Miro Teixeira, trata de implodir o

PMDB neste momento crucial, usando o reacionário governador Chagas Freitas.

O inimigo central é o regime militar

Tudo isto torna o quadro eleitoral do Rio o mais complexo do país. Mas a oposição democrática tem plenas condições de não cair nesta armadilha. O inimigo principal no Estado do Rio, como em todo o país é o regime militar, representado pelo PDS nas eleições. Em última instância é ele e mais ninguém que disputa o governo do Estado com o PMDB. Só interessa ao regime militar um rompimento interno do PMDB nesta altura da campanha eleitoral. Manter os mais diversos setores agrupados na principal legenda oposicionista, e única capaz de derrotar o PDS, é decisivo para esta arrancada final rumo à vitória.

Também não faz sentido a falsa idéia de que o governo levaria Brizola a vitória para depois impedir sua posse e a de outros governadores eleitos. O governo não aposta na eleição de Brizola. Simplesmente a utiliza para tentar viabilizar a candidatura de Moreira Franco, do PDS. E Brizola faz o jogo porque é um candidato da conciliação e não da oposição ao regime militar. O único partido legal que se coloca em oposição frontal aos generais neste pleito é o PMDB. E o povo, que não se deixa enganar, vai votar maciçamente no PMDB.

(Da sucursal)

Miro Teixeira nas ruas conversa com eleitores

Sábado, dia 8 de Outubro, o PMDB do Rio de Janeiro promoveu uma grande passeata, reunindo mais de duas mil pessoas, iniciando uma nova fase na campanha de Miro Teixeira para governador. Além de

Miro, a manifestação contou com a presença de artistas e personalidades como Maria da Conceição Tavares, Chico Buarque, Mário Lago, Fernando Torres, Dina Sfat e Cristiani Torloni.

Durante duas horas, apesar de uma forte chuva, a caravana percorreu as principais ruas de Copacabana. Miro Teixeira, junto com o candidato ao Senado, Artur da Távola, percorreu lojas, bares, restaurantes, casas e edifícios pedindo votos para o PMDB, contra o arrocho salarial e contra a alta do custo de vida.

A partir de agora, o PMDB vai orientar a sua campanha para as grandes multidões, para o contato direto com o povo nas fábricas, nas favelas, nos morros, nas ruas e para grandes debates como o que ocorreu recentemente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que reuniu mais de 5 mil pessoas.

Esta manifestação mostrou a grande simpatia do PMDB entre o povo. Por todo lado a população aplaudia e recebia com entusiasmo os panfletos e outros materiais de propaganda. E gritava em coro: "O povo está a fim da cabeça do Delfim" e "Miro é união, Brizola divisão".

(Da Sucursal)



Iris Resende ameaçado de morte, faz uma campanha oposicionista com amplo apoio popular.

Planos para matar candidatos do PMDB

Foi descoberto na semana passada um plano para assassinar o candidato do PMDB ao governo de Goiás, Íris Resende. O encarregado do crime era o delegado-pistoleiro Valdeci Alves, com o apoio da alta cúpula do PDS, particularmente de Brasília Caiado, candidato a deputado federal pelo partido do governo. Também no Amazonas, foi denunciado um complô para matar o candidato do PMDB, Gilberto Mestrinho. E o suspeito é o almirante Roberto Gama e Silva, segundo nota do PMDB.

Valdeci é acusado de vários crimes. Recentemente espancou um lavrador de 66 anos, Guilherme Antonio Alves, que faleceu poucos dias depois e torturou uma criança de 13 anos de idade. Agora ia praticar o crime com a cumplicidade de Zé Branco, Sandoval e outro jagunço não identificado. Encontra-se em liberdade por ordem direta do Secretário de Segurança Pública do Estado, Jesus Antonio Lisboa, e por pressão dos gráudos do PDS.

PRESSÕES POLÍTICAS

Diante da completa omissão da Justiça, o Diretório Regional do PMDB emitiu nota oficial responsabilizando o Secretário da Segurança Pública, e em especial o governo do Estado, por qualquer ato de violência praticado contra Íris Resende ou outro candidato do PMDB.

"Competindo-lhe zelar pela ordem pública, causa estupefação e repulsa não haja o Secretário de Segurança Pública ordenado a completa e urgente apuração dos fatos cedendo, ao contrário, a pressões de natureza política, ao ponto de libertar de logo o quase homicida, sem a adoção das medidas legais aplicáveis, fazendo-o retornar, o que é pior, à delegacia de Aruanã, na condição de seu titular" — diz a nota assinada por Mauro Borges, presidente regional do PMDB.

DESESPERO DE CAUSA

Íris Resende, comentando o atentado de que seria alvo e a violência política, disse que "elementos ligados ao governo, em desespero de causa ante a derrota que se avizinha, chegam ao ponto de pensar em perpetrar atentados contra mim e outros companheiros do PMDB".

O plano para matar Íris foi revelado pelo ex-diretor do departamento de polícia judiciária, Ibraim Chediack, que no dia 7 passado pediu demissão do cargo que ocupava porque, segundo ele, por ordens diretas do governador, o Secretário de Segurança Pública tornou sem efeito a sua portaria que demitia o delegado-pistoleiro.

Para se ver a que ponto chegaram as coisas em Goiás, o próprio Chediack tem uma história complicada. É colaborador da TFP, acusado de haver torturado diversos presos e conhecido por suas posições fascistas. Sua "folha de serviços" não é muito diferente da de Valdeci Alves Garcia. Ao que tudo indica, os desmandos são tão grandes que as fileiras governistas começam a se desagregar prevendo os resultados da vitória de um governo eleito com amplo apoio popular no Estado de Goiás.

O caso goiano não está isolado. Em todo o país alastram-se o desespero dos donos do poder diante da derrota que vai se tornando cada dia mais palpável. Recorrem a todos os golpes, por mais sujos que sejam. Afinal, já mataram muitos candidatos nas salas dos DOFCODIS.



Gilberto Mestrinho incomoda o governo

O atentado no Amazonas

Também no Amazonas, além da corrupção e demagogia, o PDS tem empregado o terrorismo como arma eleitoral. Por mais de uma vez, como já ocorreu em Manacapuru, Coari e Carauari, as caravanas do PMDB realizaram comícios sob ameaças, provocações e agressões físicas.

PROVAS DO CRIME

No dia 8 de outubro, a Comissão Executiva do PMDB do Amazonas denunciou em nota pública um plano para assassinar os candidatos do partido ao governo estadual, Gilberto Mestrinho, e ao Senado, Fábio Lucena. Segundo a nota, o responsável pelo crime seria o almirante Roberto Gama e Silva, que como ficou comprovado estava hospedado no quarto 358 do Novotel com o pseudônimo de Antonio de Carvalho, junto com pistoleiros que se encontravam no mesmo hotel, munidos de armas de fogo com silenciador. Não foram identificados os nomes dos assassinos contratados.

O documento do PMDB responsabiliza o Sr. Ruy Lins, superintendente da Suframa e os candidatos majoritários do PDS por qualquer "sinistro" que possa acontecer aos candidatos do PMDB. E afirma ter encaminhado ao Secretário de Segurança todos os indícios de prova do complô, e a caracterização física do chefe dos bandos que tentaram assassinar Gilberto Mestrinho.

O POVO COM O PMDB

Estes atos de desatino da

cúpula do PDS se devem tanto ao resultado das pesquisas, que apontam a vitória certa do PMDB, como os gigantescos comícios realizados ultimamente pela oposição tanto em Manaus como no interior. Em Parintins, com 30 mil habitantes, 7 mil pessoas aplaudiram entusiasmadamente os candidatos do PMDB, principalmente o líder estudantil João Pedro, filho da terra e candidato a deputado estadual. Em Tefé, com 15 mil habitantes, 6 mil pessoas se concentraram para ouvir e aprovar as propostas da oposição. Em Itacoatiara, Coari, Manacapuru e outras cidades, os comícios oscilam entre 5 e 10 mil pessoas. São estes os fatos que fazem os defensores do governo perderem a lógica e tentar até a eliminação física dos candidatos do PMDB.

Em todas as pesquisas de opinião, a preferência do eleitorado pelo candidato do PMDB, professor Gilberto Mestrinho, oscila de 65 a 80%. Tudo indica uma vitória arrasadora da oposição no Amazonas.

Para salvar as aparências e fazer o povo esquecer do crime planejado, o candidato do PDS, Josué Filho, contratou Os Trapalhões, A Turma da Mônica e prometeu 200 bicicletas para quem fosse na "Bola da Suframa" no último dia 10. Foi muita gente, mas não viram nem Mônica, nem Trapalhões, nem bicicletas. E o candidato do PDS ouviu insistentemente o refrão "Gilberto, Gilberto", entoado em coro pelos populares.

